

Reproduzido em 30/7/78 quando
deixei cópia do quadro geral
do inventário e pedindo fa-
ctura e fotos feitas, nomea-
damente da expmial

Sines, 7 de julho de 1978

Exmo Senhor Eng. Bernardo Ferrão,

Estimo saber que tem passado melhor da sua enfermidade, de que já tinha tido noticia pelo meu primo Francisco Nazareth.

Junto mais alguns diapositivos, que ainda não tinha enviado, esperando sempre noticias de V. Exa.; bem como as fotocopias de mais alguns artigos.

Envio-lhe também a fotocopia de uma carta do pároco de S. Sebastião de Lagos, na qual me dá noticias do cofre que aí existiu e de um outro que me disse ter existido em Monchique onde foi pároco anteriormente; bem como de parte de uma carta do Prof. Pinheiro e Rosa que inclui a lista dos cofres por ele vistos.

Ficam assim a faltar, depois dos diapositivos que seguem junto, os seguintes cofres :

- De ~~Aljezur~~ - onde já passei duas vezes e o pároco me garantiu que não tinha conhecimento de existência do mesmo. (Charão)
- De ~~Estombar~~ - idem (Câmara e prata)
- De Portimão - já por lá passei inumeras vezes e fui informado de que o mesmo está encerrado numa arca cuja chave estava na posse de um sacristão que desapareceu..... (o sacristão, note-se) tenho que por lá voltar a passar...
- Do Azinhal - já os fotografei (são dois) um de madre-pérola e prata e outro de madeira forrado de setim (?). No entanto, as fotografias não ficaram capazes, por isso tenho de as repetir.
- De Salir - já lá passei por duas vezes, mas não consegui localizar o pároco.

Não existe
NÃO existe

As restantes fotografias que pretende, talvez lhas possa enviar no principio do mês de Agosto.

Peço que me diga quantos diapositivos lhe mandei, para que possa enviar a factura, visto não ter tomado nota do numero.

Desculpe a carta à máquina, mas a minha letra é horrível e poupo-lhe as
sim o trabalho da decifração.

Sem outro assunto de momento, renovo os meus desejos de boa saúde, creia-
-me admirador sincero

Com os meus melhores cumprimentos

Jose Pedro Sant'Anna Medeiros

J. P. Medeiros

17 - Sábado - Foi o serão de ontem à noite a procura
 dos copos marítimos: são 20. Com a maior parte estes em
 contacto em 1945 ou 46. Com alguns estão mesmo a gozar.
 Com o de Aljezur estão mt. pelos anos 1955, 6, 7 e 8, enquanto
 foi o primeiro o 9º sobre.

Enumera-se: Alescutim (Ponta e madeira-pirola); Boimhal (madeira-
 pirola e prata; Odolite (Xarém feita com um bruto de madeira-pirola
 e fecho de metal dourado); Otho (Ponta branca relevada e gra-
 vada); Entombar, dois: 1º Madeira, formado de sede bordada a ouro,
 com aplicação de metal dourado; 2º Ambar chapado de prata (ou
 dita preciosa); Martim Longo (prata branca lisa com cabos
 de ouro); S. Boi de Alportel (todo coberto de placas de madeira-pirola
 e, com ornatos, etc. de prata; Algoz (quarções, fechos e pés de
 prata dourada); Tavira, igreja do Hospital (prata branca repousada);
Tavira, Santiago (Xarém feita com incrustação de madeira-pirola);
Alte (formato de veludo carmeim, decorado de galactitas);
Salin (madeira dourada com fechos de metal); Doali & Bl. Lemote;
Doali, Missicórdia (Ponta
 de tartaruga, com ornatos de prata); Aljezur (Xarém feita com incrustação de
 madeira-pirola); Em Monchique não localizei nenhum; Alvor
 (Ponta dourada relevada); Portimão (Ambar amarelo com gr.
 aplicação de prata); Faro, Missicórdia (repositado no dourado; madeira-
 pirola, ponta lisa de prata e com quarções desse metal); Faro de
 (prata dourada, relevada).

Engora, deixa-me gozar um par o meu fim de semana.
 Meteu este no correio em um dia para que a receba, com os
 vinhos em ponto, no 2º feio. Atenção ao teu
 José António Pereira

Paróquia de São Sebastião

Telefone 62914

LAGOS

21-1-948

Im. L.

Pedro Medeiros

Desejando coher informações sobre os Copres, retardei a resposta à sua carta.

Do Copre de São Sebastião não sei onde foi parar. De certo foi roubado.

Do de Mondique, onde há dias me dialoguei, também desconhecem onde se encontra, pois como a paróquia esteve alguns meses sem fiação, dizem, alguém o retirou. É isto que posso indicar.

Atenciosamente me subscrevo

V. José Jorge de Melo

Tesouros sem Cortes

Igreja de Santo António - Um deslumbramento

22 — LAGOS (continuação) — Mas a pérola das igrejas de Lagos é Santo António. Quem a vê de fora nada dá por ela... Mas, ao entrar, é o deslumbramento do conjunto que, por momentos, nos deixa sem poder apreciar os pormenores e ainda menos notar os senões, que, como todas as belas, esta também tem...

Concentremo-nos na talha do retábulo. Dou a palavra ao Dr. Formosinho que foi até à morte o paladino desta jóia artística e do Museu anexo. Descreve ele: «Dois arcos concêntricos de volta inteira, de cordão em espiral, separados por caríatides formam como que a continuação de quatro interessantes colunas salomónicas sobre que apoiam os saiméis.

«Estas, enfeitadas com a característica parreira de cachos pendentes e anjos, terminam nos topos por belos capitéis de ordem compósita e assentam as suas bases em pedestais quadrangulares, com volutas de acantos de estilização romana, sobre um segundo pedestal formado pelos mesmos motivos decorativos, ambos com os clássicos telamones. Ao centro do duplo arco, abrangendo-o em toda a altura, as armas de Portugal encimadas pela coroa real.» A tribuna e o pequeno sacrário são no mesmo gosto.

Para examinarmos as paredes, começo pela descrição genérica do Dr. Formosinho: «O que vemos nessa talha que por completo as reveste? Não é fácil descrevê-lo. Um sonho de visões sobrenaturais: carminados e rechonchudos querubins sustentam enormes pesos sobre os seus ombros frágeis. Ornamentos caprichosos com postos de plantas, animais brutescos, figuras monstruosas, detalhes ingénuos de flora rústica e extravagante. Serafins alados, coroados de rosas, suspendem açafates, cabazes de frutas, tudo bastante grotesco, onde os assuntos mais variados e os temas mais exóticos se ligam sem relação lógica de continuidade. Nesse turbilhão de desconexas figuras vêem-se estranhos episódios da vida profana: a pesca, a caça, a matança do porco, cenas de guerra, etc., etc. Enfim, o barroco, na sua pujança, carregado de decoração deslumbrante.

«São monstruosas algumas figuras? Multiplicam-se os telamones desproporcionados? Não quer isto dizer que tenha mau debuxo e modelação. É o estilo barroco, que se caracteriza pela adulteração de formas, exagerando o número e posição dos grotescos anjos repolhados e animais numa completa orgia decorativa».

Passo aos pormenores. No lado do Evangelho, fica no alto uma cornija ornada profusamente de anjos, escudos, florões e jarramentos. Ao meio, o corpo principal, onde estão inseridos os quadros. Cada tela tem moldura e é separada da seguinte por uma pilastra de ordem compósita. São inferiores à categoria da talha e atribuídas ao pintor Rasquinho, natural de Loulé. Representam milagres de Santo António. Por cima do primeiro, duas figuras de mulheres seguram uma concha sob a qual há dois animais com cabeça de mulher. Aos lados, brincam quatro anjinhos.

O PÚLPITO — «LEVE, ELEGANTE E GRACIOSO»...

No lugar do 2.º quadro, fica o púlpito, outro primor deste escritório. «Leve, elegante e gracioso» lhe chamou Brito Rebelo. As suas guardas são de talha rendilhada. No dossel estão sentadas duas figuras de mulher, notando, de passagem, que tais figuras abundam neste conjunto, sempre com roupagens longas e honestas, e que os anjos, à excepção de alguns, são pouco ou nada sexuais. Sobre o terceiro quadro, outras duas figuras de mulher, de sandálias. Por baixo dos quadros, um friso de relevos. Nas bases das pilastras: mas modestamente coberto; um guerreiro; homem nu com faixa; cão monstruoso.

Ns espelhos da talha; anjos sentados em cães com patas de cavalo, a tocar trombeta; outros só em meio-corpo com cestas de frutos à cabeça.

Nas molduras: guerreiro com lança e

outro com espada e escudo (a guerra); dois escravos, um com lança e outro de mãos no ar; duas figuras, uma com mão no ventre e outra com mão no ar, a segunda segurando uma lança; homem com um porco inverosimilmente empinado à cabeça; homem escrevendo a uma mesa; outro com porco à cabeça; fidalgo segurando pela corrente um cão, de língua de fora e muito magro; menino nu contorcendo-se com dor; mulher com uma ave à cabeça. Até a espessura da porta lateral é forrada de talha.

No lado da Epístola, sobre o primeiro quadro, figura semelhante às que encimam o primeiro do outro lado. Porém o anjo da primeira pilastra está bem sexuado. No lugar do 2.º quadro, uma janela. As figuras decorativas sobre os quadros seguintes são iguais às do lado oposto. O anjo da 3.ª pilastra também é bem sexuado.

Olhando para o friso superior, vê-se, nas bases das pilastras: mulher vestida; menino com ave; jovem guerreiro; homem nu com faixa; menino a cavalo num cão que lhe morda a mão. Nos espelhos, repetem-se as figuras do outro lado. Nas molduras: a caça (figura, em atitude ironicamente indolente, atrai a lança a um veado); outra figura, armada de bacarmarte, está em atitude de grande medo perante um animal incaracterístico; um anjo e um menino colhem uma flor; homem com grande ramo na mão; soldado pretendendo meter uma lança na boca de um dragão; homem nu, armado de lança, lutando com uma sereia que lhe aponta um bacarmarte; rapaz nu em atitude de bêbedo, tocando trombeta, enquanto outro

suspende um porco aberto sobre um alguidar, a escorrer sangue; pescador, pescando à linha um peixe muito grande preso já pelo anzol e seguido pelos peixes pequeninos.

A ABÓBADA — UMA MARAVILHA!

O coro, assente sobre um arco abatido, tem uma balaustrada encantadora, de pequenas colunas de secção quadrangular, com parapeito. Na parte inferior, tem um baixo relevo, em que a Virgem ornamenta o Menino, ladeada por dois grandes anjos, um a sustentar um cálice e outro de mãos postas.

Formosinho reputa este coro posterior ao resto da igreja e «pela finura e detalhes dos seus ornatos», julga-o dos princípios do século XIX. Analisando a sua decoração e verificando que os azulejos de um e outro lado do fundo da igreja não são precisamente iguais aos restantes, convenceu-se de que o templo fora ampliado em época posterior. E foi, pois, levantados os ladrilhos, há pouco tempo, verificou-se que o alçerce da antiga frontaria lá está ainda a marcar o primitivo tamanho.

Mário Lyster Franco e outros autores têm-se referido ao «coro da igreja do Carmo, de singular delicadeza» e têm-no dito citado por Haupt. Certo que deve ser uma grande confusão com este coro de Santo António.

Azulejos. Sim. Um lambris de azulejo azzul e branco, de albaradas, característico do século XVIII, corre ao longo das paredes laterais e do fundo.

«E agora, que já temos quase ao pé do chão, ergamos os olhos não digo ao céu, mas a qualquer coisa que dele nos aproxime: a magnífica abóbada de berço que cobre a igreja em toda a extensão. Volto a dar a palavra a J. Formosinho: «A pintura desta, pelo seu colorido e justeza do desenho, é uma maravilha. A perspectiva tão rigorosa dá-nos uma impressão de realidade, que encanta. Representa a continuação das paredes com quatro janelas vidradas, formando a cada canto uma tribuna ou balcão onde os figuras dos Evangelistas assistem a qualquer cena que se passa no templo. De cada lado, oito colunas de mármore assentam os pedestais em duplas cartelas muito elegantes. Ao centro um enorme escudo nacional, século XVIII, com a respectiva coroa, todo envolvido de adornos de embelezamento consoante a época, ladeada por duas figuras austinentes.

«Tudo tem relevo. O próprio escudo parece tão afastado, que chega a supor-se uma peça sem o menor contacto com o mundo. Tal é o efeito da correcta pintura e distribuição das sombras. Entre as cartelas, sob as janelas e balcões, vários versículos latinos emoldurados.» Todos dizem respeito ao carácter e à santidade do taumaturgo português, cuja imagem lá no trono ostenta a faixa militar, visto ter o posto de capitão do exército português, desde D. Pedro II.

Registe-se ainda na capela-mor, uma imagem pouco vulgar de Santo Elói (capa e calças vermelhas; insignias; martelo, bigorna e faca), padroeiro dos ourives e artilheiros; e as duas credências em talha semelhante à da igreja.

UM MONUMENTO A ARRUIRAR-SE

Não posso deixar de me referir à pequena ermida de S. João Baptista, que deu o nome à enorme baixa de Lagos chamada Rossio de S. João. Passo junto dela frequentemente, e confrange-se-me a coação ver que Lagos deixa arruinar-se por completo um monumento com carácter — de plano oitavado, raro na província — e com história. Arrasada completamente pelo terremoto de 1755, foi carinhosamente reconstruída com os seus destroços, que o mar arrasara a grande distância. É virtualmente a mais antiga de Lagos, visto que um letreiro que havia sobre a porta tinha a era de 1212, correspondente ao ano de 1174.

Oxalá ainda a salvem!

Pinheiro e Rosa

Tesouros sem Cortes

LAGOS — cidade possuidora de grandes Tesouros artísticos - mas donde muita coisa tem desaparecido...

(Continuação)

22 — LAGOS — Eis uma cidade abundante em antiguidades artísticas.

Começemos pelos seus edifícios religiosos. Santa Maria, hoje paroquial e antiga Misericórdia, é uma igreja da Renascença, cuja porta lateral tem a data de 1568, mas que, no pórtico principal, ostenta a de 1612. Esse pórtico, formado por duas colunas dóricas caneladas, encimadas por uma cornija servindo de suporte à janela, tem, aos lados da arquivolta, os bustos de S. Pedro e S. Paulo. Sofreu esta igreja um incêndio, em 1888, que lhe deixou só as paredes exteriores. Foi restaurada a expensas de uma senhora lucobrigense.

Possui algumas boas esculturas como a da Padroeira — Nossa Senhora da Assunção, a de S. Gonçalo de Lagos (1783), a de Nossa Senhora da Piedade (século XVII) e dois crucifixos. Grande número de boas peças que lhe pertencem estão depositadas no Museu Regional.

A outra igreja paroquial é S. Sebastião, vasto templo de frontaria alta e majestosa, embora de

linhas simples. A porta principal é renascença. Duas colunas, encimadas por pináculos, a ladearem o arco redondo apoiado em duas pilastras jónicas. Na fachada sul, há outro formoso pórtico renascença (século XV), muito mais rico. Formam-no duas pilastras lavradas, em cuja moldura se vêem duas curiosas figuras, uma de homem e outra de mulher, as quais pilastras sustentam uma verga direita, com cabeças de anjo em relevo. Tudo isto enquadra um arco redondo vasado com interessantíssimos relevos de figuras humanas e animais, tendo ao centro um escudo com uma ave em relevo. Apesar de se dizer que este era o pórtico da primitiva ermida de Nossa Senhora da Conceição, incluída na actual igreja, parece-me um elemento de arquitectura civil, não lhe vendo qualquer símbolo religioso.

Longos anos levou a transformação da ermida na igreja, dedicada a S. Sebastião, talvez por ser este santo advogado contra a peste, que então affligia com frequência o Algarve.

Em 1467, mandou o Bispo D. João de Melo construir a capela-mor, nas capitéis de cujas colunas estão as armas da sua família, mas em 1586 ainda não estava concluído o corpo principal da igreja e, em 1604, essa obra não estava acabada.

As duas capelas colaterais são também renascença: arcos com frontão triangular e tectos apainelados. O arco da capela do Santíssimo tem as bases das pilastras, os capitéis e os ornatos de círculos e losangos, assim como o interior, no embrenhado regional. No do outro lado, é em mármore branco o que o primateiro tem em embrenhado e vice-versa.

A toda a volta da igreja, cuja nave central era separada por uma grade de ferro, que foi tirada há anos não se sabe porquê, mas que o actual pároco acertadamente tem intenção de repor, corre um silhar de azulejos dos séculos XVII e XVIII, muito bem aproveitados e combinados. São de vários padrões, de que me agrada muito o que fica junto da segunda porta, à direita.

IMAGEM E CASULA NOTAVEIS

Há nesta igreja uma notável imagem de Nossa Senhora da Glória, com 2,10 m de altura. Pertenceu ao convento dos Capuchos, que era da sua mesma invocação. Viera do Brasil, onde fora feita para ser oferecida a D. João V; dera à costa na Meia-Praia, por ter naufragado o navio que a trazia, e então o referido monarca ofereceu-a para o convento a que deu o nome. Em 1855, estando a cidade cercada pela guerrilha do Remexido, resolveram governantes e governados trazer a imagem do convento para a pôrem em segurança. Depois de uma solene procissão, colocaram-na em S. Sebastião, onde posteriormente lhe construíram uma boa tribuna, em que ainda se encontra.

Também a igreja possui um crucifixo em madeira, com ar muito primitivo, que é tradição ter estado com os portugueses em Alcácer-Kibir.

Nas paredes do templo, há bastantes quadros, certamente vindos do convento. Quatro são pinturas em tábuas: Senhora do Pé da Cruz; S. Bernardino; S. Vicente e Senhor dos Passos. Os outros são telas, algumas muito escuras e de pouco valor, menos um Menino entre os Doutores, que tem interesse.

A sacristia tem um rotábulo com telas inclusas, algumas aceitáveis, sobre um arcaz de boa madeira e bela ferragem Luis XV. Nele se guardam paramentos curiosos, entre eles um pálio branco de setim bordado a seda amarela, no gosto dos paramentos da Basilica de Mafra. Também pertence aqui uma peça notável, actualmente depositada no Museu Regional e é uma casula de seda branca, bordada a matiz parte traseira muito mais longa que a dianteira, cores perfeitamente conservadas. Os bordados representam: folhagens, pássaros e borboletas, sendo os pássaros todos diferentes, ou na espécie, ou nas cores, ou na posição. Julgo-a um lindíssimo exemplar talvez do século XVII.

Das peças de ourivesaria podem citar-se: uma custódia sem pé, dos fins do século XVII, que servia para expor o Santíssimo nas mãos de Nossa Senhora (hoje no Museu); uma custódia-cálix-templete, da 2.ª metade do século XVII, com tintábulos; e um cálix gótico, mas com aparência de moderno. São de notar ainda: um cofre cu-

carístico de xarão preto, com incrustações de madreperla; uma estante de missal, ro-coco, de madeira entalhada e o castiçal do cirio paschal, em pau preto torneado.

UMA IGREJA A SERVIR DE ATELIER

A igreja do Carmo, ou das Freiras, como é mais conhecida, praticamente fechada ao público, porque está quase em ruínas, além do valor histórico, pelas numerosas lápides sepulcrais que nela existem, encerra pormenores de interesse artístico, como o arco da capela-mor, com nichos e outras partes no embrechado regional e a sua cúpula apainelada; o trono e sacriário fixo; o pulpito, de talha rendilhada com o dossel encimado por estatuetta de santa; e os magníficos azulejos do corredor e da sacristia, de dois padrões do século XVIII.

Esta nota foi escrita quando vieta em Lagos, portanto há mais de dez anos. Foi informado que, posteriormente, várias famílias lucobrigenses contribuíram para o restauro dessa igreja. Mas, a seguir, veio quem a «emprestou» para atelier de escultor e tudo ficou em lastimoso estado... Ainda mais a seguir, foi posta a saque e... imagens, castiçais e azulejos saíram «em procissão» para onde?...

E é assim que, por incuria de quem mais cuidadoso devia ser, o património artístico das nossas igrejas tem passado fronteiras, através de certas casas que parecem ser sacristias-bazares, tanta é a predominância do elemento religioso sobre o civil... Compreendo que elas façam o seu negócio. O que não compreendo é que tanta coisa lá vá parar, apesar das disposições que conheço sobre a venda de bens eclesiásticos... Será que a raça de Judas ainda não se extinguiu?

Devo repetir uma advertência que já não só uma vez tenho feito: as igrejas e o seu recheio não são dos senhores padres, são do povo de Deus!

Pinheiro e Rosa

Tesouros sem Cortes

Os paramentos de Giões e o retábulo da Misericórdia de Lagoa

(Continuação do N.º 3260)

20 — GIÕES — A igreja paroquial, de portais muito simples, com um belo retábulo neo-clássico na capela mor e dois do século XVI, nas capelas do Senhor Jesus e Nossa Senhora das Neves, tem curiosas pinturas do século XVIII, no tecto da capela-mor (uma Assunção grande, ingénua, mas com certa espiritualidade e leveza), e mais antigas nos retábulos das outras capelas citadas. Têm interesse as imagens da Padroeira e de S. Pedro, provavelmente do século XVI, e uma de Nossa Senhora do Rosário, que, pelo seu ar notavelmente primitivo e características (corpo deprimido, um joelho avançado) me parece do século XV.

De ourivesaria, citarei uma custódia-cálix do século XVII e uma notável cruz processional de prata branca lavrada e relevada. As suas hastas terminam em capitéis coríntios, encimados por espigões. Os ornatos são nitidamente do século XVII. O nó tem três cabeças de anjos em alto relevo. A imagem de Cristo tem os dois pés pregados por um só prego.

Mas o que esta igreja possui de mais valioso são (?) os paramentos. Pinho Leal chamou-lhes «os mais ricos do Algarve». Os mais ricos não são mas certamente dos mais curiosos. Há três paramentos de lhama de ouro, do século XVIII: roxo, branco e vermelho. E há um paramento para missa cantada, composto de onze peças. São em seda da Índia, brochada a cores. Apresenta jarramentos com flores. Além destes, mais três padrões de flores misturadas com folhagem verde. Os matizes são de singular delicadeza. O conjunto é encantador. Seriam no-

táveis em qualquer museu. Devem remontar ao princípio do século XVIII, se não forem ainda de mais atrás.

Explica-se a existência de tal preciosidade em povoação tão rústica pela distribuição feita, após a expulsão das Ordens Religiosas, das peças dos conventos pelas igrejas mais necessitadas.

Quando escrevi isto, nos anos de 40, pus os verbos no presente afirmativo. Hoje faço-os seguir de um ponto de interrogação, porque, há dois anos, quando um casal de hábeis fotógrafos, encarregados de documentar o meu trabalho, foi, por minha indicação, a Giões, para fotografar o dito paramento indiano, ninguém lhe soube dar indicação sobre tais peças, que afirmo serem de valor incalculável.

Aqui deixo a informação à Autoridade Diocesana, para que se digne investigar se foi «segredo do avaros», que receia mostrar os valores que possui, ou se o mesmo paramento se evoluiu... Com a responsabilidade de quem? Ele foi das peças mais notáveis exibidas na exposição de Arte Sacra de 1940!

21 — LAGOA — A igreja paroquial, de frontaria barroca e enquadrar um portal neo-clássico, como neo-clássico é o amplo e majestoso interior, foi sagrada a 4 de Setembro de 1814. Dois retábulos neo-clássicos se nos impõem: da capela-mór e o da capela do Santíssimo.

A imagem da Padroeira, Nossa Senhora da Luz, atribuída a Machado de Castro, é de muito boas feições e belo perfil. O manto, apanhado com o braço esquerdo, envolve-lhe o ventre e parte das pernas. Linda a cor do vestido com a rama-gem dourada muito bem lançada.

Há um S. Sebastião, talvez do século XVI, um belo crucifixo de

madeira com muito boa escultura e perfeita expressão de moribundo e outro de pau santo com guarnições de prata e Cristo de marfim, peça notável de boa expressão e admirável anatomia.

No altar das Almas, uma boa tela — a Virgem rodeada de anjos.

Alguns paramentos curiosos, peças de prata dos séculos XVII e XVIII, uma estante coral de ferro forjado muito antiga, umas «sacras» — gravura de pau preto com aplicações metálicas; urna de talha dourada para Quinta-Feira Santa; o arcaz da sacristia, em madeira do Brasil, com nicho e ferragens Luís XV; um órgão de seis, com nove registros; e uma folha de livro de canto em pergaminho, de letra gótica com iluminuras, talvez do século XIII, são as peças a destacar do recheio deste templo.

A Misericórdia tem um belo retábulo do século XVII, «com a decoração realizada por talha baixa e por imagens de vulto». São também apreciáveis os seus azulejos de dois tipos: um do padrão de «tapete» e outro com um friso de açafates floridos enquadrados por uma faixa de folhagem barroca. São da transição do século XVII para o XVIII. Este revestimento forma, no corpo da igreja, um alto silhar que cobre as paredes laterais, dispondo-se em três tapetes envolvidos pelas respectivas barras. O mesmo padrão decora a capela-mór, mas em tapetes colocados junto ao tecto, dando a impressão de terem sido arrancados os azulejos na parte inferior. O motivo ornamental da cerâmica integra-se perfeitamente no estilo do entalhado do século XVII, pouco volumoso, assim como não destoa o alisar de açafates com flores, dum e doutro lado do altar, a preencher o espaço pela talha deixada a descoberto.

PINHEIRO E ROSA

Tesouros sem Cortes

O mais belo exemplar arquitectónico de Faro é também museu arqueológico com 1409 peças

(Continuação do número 3248)

19 — FARO — (Continuação) — Chegou a vez do Convento de Nossa Senhora da Assunção, o mais belo exemplar arquitectónico da capital algarvia. Começado pela rainha D. Leonor, terceira mulher de D. Manuel, entre 1518-1523, foi acabado por sua irmã, D. Catarina, mulher de D. João III, de 1527 a 1543. Trabalhou nele o mestre de obras Alvaro Pires. O portal, de fino lavôr escultural, datado de 1539, tem pilastras coríntias e um brasão com o camarão, que se deve ligar ao mosteiro da Madre de Deus, donde vieram as primeiras freiras para este convento. A parte mais notável é o claustro, do tipo combrão de 1540, de dois andares, o inferior de arcaria de volta inteira com tramos de dois arcos separados por botaréis encimados de gárgulas, e o superior de arquitectura horizontal. Alguns pormenores aproximam-no do claustro da Penha Longa, em Sintra.

Transferidas as últimas freiras, em 1836, para o convento das Bernardas de Tavira, ficou o edificio alguns anos à mercê da inconsciência popular, que de lá foi tirando os magníficos azulejos que o forravam por muitas partes.

Foi comprado, alguns anos depois, por 1 200\$000, por José Maria de Carvalho e Teodoro José Tavares, e, em 1864, vendido por 2 000\$000 ao israelita Samuel Amram, que o applicou a fábrica de cortiça. Este uso teve até que, em 1964, a Câmara Municipal o adquiriu para instalar os Museus Municipais.

Monumento Nacional desde 1948, começou a ser restaurado em 1965. Apesar de o restauro ter ficado em meo, já lá está instalado provisoriamente o Museu Arqueológico do Infante D. Henrique.

«Do Infante D. Henrique», porque foi fundado no próprio dia em que, no Porto, se celebrava o quinto centenário do nas-

cimento do glorioso príncipe português, como homenagem da cidade, sendo assim um dos mais antigos do país.

Instalado a principio em três salas do rés-do-chão do edificio municipal, começou com 218 peças. Foi seu primeiro Conservador a ilustre figura de sábio e arqueólogo — Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto.

Em 1897, teve a honra de ser visitado pelos Soberanos, D. Carlos e D. Amélia.

QUANDO NÃO EXISTIA A ANTIQUARITE EPIDÉMICA

Foi posto em foco, em 1899, pela publicação do «Glossário Crítico dos Principais Monumentos do Museu Arqueológico do Infante D. Henrique» pelo citado Monsenhor Botto, que aliás vinha já enchendo páginas da revista «O Arqueólogo Português» com notícias e estudos das peças do seu museu. De anotar o interesse que então mereceu a todos os farenzes aumentá-lo pois, desde o Bispo, D. António Mendes Bello, até ao último dos continuos, toda a gente procurava fazer-lhe ofertas. Ainda não apparecia a antiquarite epidémica, que hoje grassa furiosamente, privando o Povo de ver, a Ciência de estudar...

Em 1914, a Câmara viu-se na necessidade de alojar um grande número de quadros e outras peças provenientes de edificios ecclesiásticos então secularizados. E resolveu tomar de renda a igreja de Santo António dos Capuchos e instalar nela o Museu Arqueológico, aumentado já com essas e outras muitas peças. Ai esteve precariamente, porque o edificio era improprio, na esperança de surgir a casa capaz para melhor o instalar. Curioso que, já em 1913, o Dr. José de Figueiredo cobrou para esse effeito o Convento da Assunção. Só em 1964, Câmara viria adquirir

esse convento, já considerado monumento nacional, para promover o seu restauro e proceder a essa instalação.

Entre as pessoas que bastante fizeram por este Museu, devem citar-se os nomes do Comendador Ferreira Neto, seu fundador; de Manuel de Bivar Weinholtz, grande auxiliar de Monsenhor Botto; do Dr. Botelho, segundo Conservador; do Dr. Leite de Vasconcelos, que chegou a dirigir uma reorganização das peças; do Dr. Justino de Bivar Weinholtz, seu Conservador durante quarenta anos; e do Engenheiro Arantes e Oliveira, que, quando ministro, patrocinou o restauro.

Desde a morte do Dr. Justino de Bivar, em 1934, o Museu conheceu dias de obscuridade, até que, em 1966, lhe foi dada nova vida. Foi organizado o catálogo, que desaparecera.

Em 1969, comemorou-se o 73.º aniversário da sua fundação, com uma sessão solene, já no edificio que hoje occupa. Mas só depois dessa data a casa esteve em condições de receber o recheio dos Capuchos, que, cada dia, mais e mais se deteriorava. Logo que houve possibilidade, transferiram-se para ela os quadros, que ficaram ainda em regime de simples depósito e arrecadação.

Apesar de o restauro do Convento ter parado praticamente, desde 1972, graças aos esforços do actual director e da boa vontade da Câmara foi possível aproveitar as salas já prontas e, embora com muitas deficiências ainda, fazer uma instalação provisória, aberta ao público desde Agosto de 1973.

UM MUSEU COM 18 SECÇÕES

Possui presentemente 1409 peças, distribuídas pelas secções: lapidaria, escultura, arqueologia, paleontologia, etnografia, cerâmica arqueológica, azulejos, mosaicos, vidraria, armas, pinacoteca, gravura, heraldica, numismática, medalhística, metrologia, esgrafiística e curiosidades locais.

Estas secções estão ainda um pouco misturadas, porque das 20 salas occupáveis do convento só sete estão restauradas e essas mesmas com deficiências de instalação eléctrica e outras.

No claustro inferior estão alojadas as pedras de Osónoba e de Faro antigo encontradas em escavações. No superior, pedras de armas.

A antiga igreja, que servirá futuramente para conferências, cursos e seminários, e o coro baixo, destinado a exposições temporárias, guardam, por ora, quadros, gravuras e outras peças que serão mais tarde colocadas noutras salas: um S. Bartheolomeu, do século XIV, em jaspé; um baixo-relevo, também em jaspé, proveniente dum antigo convento de Portimão; um busto e um retrato do bispo cæcônoba, D. Francisco Gomes, o primeiro de Raul Navier e o segundo de Rasquinho; etc.

Uma das salas é dedicada exclusivamente a achados das ruínas Romanas de Milreu, sobressaindo, entre todos os bustos do imperador Adriano e da imperatriz Agripina e um fragmento da balaustrada do templum.

Noutra sala agrupa-se a parte lapidaria, rica em inscrições — uma koinense; muitas latinas, entre as quais se encontram as relativas a Osónoba, documentos autênticos da sua localização em Faro; árabes e medievais portugueses; numerosos capitéis romanos e visigóticos, elementos arquitectónicos românicos, góticos e manuelinos.

As salas do piso superior são, por ora, três. A primeira, antigo coro alto, contém os quadros mais valiosos — quatro telas, datadas e autênticas por Francisco Vieira Portuense; uma proveniente de Domingos Sequeira; e dois grandes quadros bíblicos, da escola italiana, do século XVIII. Na segunda sala, estão quadros modernos, obras de talha e curiosidades locais. A terceira, refeita de novo e onde se presume seriam dormitórios, serve, presentemente, para expor três tábuas e 21 telas; cerâmica pré-histórica, romana e árabe; fósseis; metais pré-históricos e históricos de grande antiguidade; vidraria; moedas; medalhas; e uma linda coleção de azulejos luso e hispano-árabes, portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII e de Delft.

Sugestivos ângulos do claustro se surpreendem durante o percurso que se tem de fazer para visitar as salas do 2.º piso, onde o livro da regra escrito no século XVI por uma freira do convento, que também o iluminou, nos deixa um perfume de suave espiritualidade nestes tempos em que o material tanto predomina!

(Continua)

Pinheiro e Rosa

Tesouros sem Cortes

Matriz - a igreja mais representativa de Loulé

25 — LOULÉ — A igreja mais representativa de Loulé é, a todos os títulos, a matriz de S. Clemente. Data, pelo menos, do reinado de D. Dinis. O seu portico ogival de vários colonetos, cujo último ribete de arquivolta é lacerado de flores estilizadas, é envolvido, como na porta lateral do Carmo, em Lisboa, em S. Iuão de Santarém, em S. Francisco de Alenquer, na Estrela de Marvão e na Graça de Loulé — todas igrejas franciscanas — por um gablete. Nem a do Carmo nem esta pertenciam à Ordem, mas ainda aqui a adopção do modelo comum deve ser explicada por uma influência franciscana — a da Graça, cujo portico quase exactamente reproduz.

O interior, dos mais largos em igrejas portuguesas, é de três naves, com quatro tramos de arcos ogivais, assentes sobre colunas de curiosos capitéis com ornamentação vegetal. Nas paredes laterais, frestas de arco redondo (só uma aberta). A porta lateral é também gótica. Por cima da capela-mor, linda janela geminada, cuja parte superior veio do Convento da Graça, sendo o resto refeito no restauro. Mais duas capelas ogivais. A de Santo António tem arco e uma porta para a sacristia ogivais, embora a sua actual cobertura seja uma cúpula renascentista com lanternum.

Depois do gótico, entrou neste templo o manuelino, com a capela da Senhora da Consolação, que antes foi da Conceição. Tem ela arco redondo retintamente manuelino e tecto em abóbada com nervuras e flores — um com o característico IHS, o outro com letras góticas. Já existia em 1565 e fora adjectada por Fernão Piz Camacho, cuja sepultura ali se vê. Em 1719, foi revestida de azulejos azuis e brancos, de belo colorido. Formam quadros dispostos em duas ordens. No lado do Evangelho, superiormente, há um enquadramento da janela entaipada e um quadro representando a Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora. Em baixo, um dos quadros representa a Apresentação no Templo, e outro a Adoração dos Magos. No lado da Epistola, em cima há uma janela fingida em azulejo tendo representada a Inaculada Conceição, com esta legenda: JANVA COELI; e outro quadro com a Assunção. Em baixo, os dois quadros representam respectivamente: a Visitação e a Adoração dos Pastores.

O frontal do altar é também de azulejos da mesma época, com flores e passarinhos, tendo ao meio um pequeno painel de alminhas e as palavras: Padre-Nosso, Ave Maria.

DEPOIS DO MANUELINO. A RENASCENÇA

Depois de instalado o manuelino, entrou a renascença, começando pela capela de S. Brás, instituída por Gonçalo Mendes Caetano. Tem abóbada artesoadada, como atestam as subsistentes mísulas, mas o que ainda está inteiro é o arco em ogiva, mas finamente lapidado, similar ao da capela-mor de Santa Bárbara de Nexe, como M. Lyster Franco foi o primeiro a notar, e ao de Quêlfes. A imagem do orago, em madeira policromada, é do século XVI. Mais recente é o arco da capela das Almas, datado de 1591. Do século XVII são os azulejos policromos que lhe revestem por completo as paredes e são de padrão pouco visto, com figurações múltiplas do arcanjo S. Miguel, empunhando a balança para pesar os pecados e de almas envolvidas pelas chamas do Purgatório.

Mais tarde chegou o barroco. Foi-se aos retábulos de painéis que a igreja possuía e substituiu-os pelos seus: primeiro na ca-

pela da Consolação e na de S. Brás (século XVII) e depois na capela das Almas (século XVIII) e na mor, pouco posterior a 1715. O restauro ainda foi desencantar mais dois retábulos do século XVIII, que eram da antiga igreja do Carmo, e armou-los na arcada lateral da igreja, onde formam um belo conjunto.

Além da imagem de S. Brás, atrás citada, tem esta igreja outras boas: S. Clemente e S. Pedro, ambos vestidos de Papa (século XVII); duas N. Senhoras do Carmo, uma delas peça notável e uma N. Sr.ª da Graça, padroeira do antigo convento desse nome, antiquíssima e de bom panejamento.

Tém interesse a pintura decorativa da abóbada da sacristia das Almas e três quadros em tabua da sacristia-mor. Nesta, vi, em tempo, curiosos painamentos dos séculos XVI, XVII e XVIII, entre eles, uma casula de brocatel, de fundo rosáceo, várias estedas interessantes pelas cores não litúrgicas, uma delas de esteda azulada, parece que já existia em 1572.

PEÇAS DE OURIVESARIA

Peças de ourivesaria também a igreja as possui. Anotei: seis cálix dos séculos XVI, XVII e XVIII; um cofre eucarístico de taruga com ornatos de prata (arqueta); turibulos e navetas do século XVIII; relicários do século XVI e coroas antigas. A peça mais valiosa, pela sua originalidade, é a custódia de prata dourada e revelada. Da base rectangular, erguendo-se levemente em truncatura de pirâmide, toda revelada em folhagem. Sobrepoz-se-lhe um cubo buvilado de arcos e pilastras. Deste nasce o pé ovalado, ornado com ramos em relevo e terminado num capitel jónico. Um alargamento em berço com cabeças de anjos em baixo relevo sustenta o ostensório, donde pendem quatro tintinábulo. O ostensório é formado por quatro pilastras quadrangulares emolduradas, encimadas por um entablamento. Por cima deste, aos cantos, quatro átics com pináculos e uma cobertura de volta redonda, formando nas faces anterior e posterior frontões semicirculares, em cujos tímpanos há, à frente um alto-relevo do Padre Eterno com tiara e o globo do mundo, e atrás, um anjo. Sobre esta cobertura, outro templezinho de arcos redondos, colunas cilíndricas, com cobertura semelhante à inferior, tudo encimado por um crucifixo. No interior há um tintinábulo e de cada lado uma voluta. Na lunula estão esculpidas estas palavras: Domine Deus. É retintamente do século XVII.

Na sacristia, há uma mesa de mármore rosa no pé e de embrechado regional no tempo.

Guardados, estão varios livros de interesse: um Compromisso da Confraria das Almas, do século XVI, com iluminuras; uma pasta com missa a canto-chão manuscrito; um Breviário de estante, encadernado em cabedal, com pregos, cantos, e fechos de metal; um Antiphonarium, edição de Veneza, de 1616; outra pasta com uma missa mensurada, escrita à maneira de canto-chão, mas com notação especial (redondada); outro antiphonário que foi do convento de Santo António de Loulé.

Pinheiro e Rosa

sta por um serviço de Filipe II

Tesouros sem Cortes

(Continuação do número anterior)

de S. Domin-
ousa). O frade
a brincadeira.
que aquele Me-
que no claus-
sua Mãe. Que
a com eles. O
na próxima vez,
im ao Menino:
pre do nosso
pão melhor?
connosco do

se publica em Faro, o artigo que inserimos na nona página do presente número, subordinado à epígrafe «Como Santarém foi vista por um guerreiro alemão ao serviço de Filipe II».

É o caso de Erich de Steblovo, nobre alemão, de origem polaca, o qual, alistado ao serviço de Espanha, redigiu um Diário, publicado este em 1866.

Curiosamente, — como salienta o dr. Brito Pinto — é Santarém a terra a que dedica maior atenção este Diário, o qual abrange os anos de 1580-1584.

Teve este nosso estimado confrade, que é também um grande amigo de Santarém, a gentileza de nos favorecer com a reprodução do trecho dedicado a Santarém, extraído do volume intitulado «Viagens de Extranjeros por España y Portugal», volume de 1.500 páginas, com tradução, prólogo e notas de J. Garcia Mercadal.

Aqui lhe manifestamos o nosso reconhecimento.

Jogo particular

FARENSE, 2 — OLHANENSE, 3

Para apresentação das novas aquisições, Farense e Olhanense disputaram um desafio em S. Luís. O Olhanense chegou ao fim da 1.ª parte a ganhar por 1-0 (Luís Carlos), aumentou, no segundo tempo, para 3-0 (Almeida e Morais).

O Farense, na última fase do encontro, diminuiu a diferença para 3-2 (Rafael e Orlando).

Colóquio Europeu de Paróquias Conclusões

«De 4 a 8 de Julho de 1977, 270 delegados — representando 10 países da Europa — sacerdotes, jovens, adultos, religiosos, religiosas e bispos — participaram no IX Colóquio Europeu de Paróquias, organizado em Namur, e consagrado ao seguinte tema: As Paróquias à Escuta dos Jovens.

Os participantes reafirmaram a necessidade de escutar os jovens a fim:

— de conhecer o mais objectivamente possível a sua vida real e por meio deles as estruturas e os estilos de vida da sociedade de hoje;

— de discernir, nas actividades dos jovens, os sinais de uma cultura nova em que imperam o domínio tecnológico do universo e uma grande preocupação de autenticidade e de justiça;

— de repartir concretamente as experiências diversas vividas pelos jovens e adultos evitando o cair na demagogia.

O COLÓQUIO DE NAMUR CHAMA:

Os responsáveis da Paróquia:
— a favorecer a eclosão de espaços de liberdade, de amizade e de criatividade onde os jovens possam expressar-se como são;

— a convidar os jovens a contribuir, por suas experiências, para uma renovação missionária, profética, ecuménica e litúrgica da paróquia e da Igreja.

Todos os cristãos:
— a um alerta contra as atitudes suspeitas de hostilidade ou de indiferença que frequentemente se adoptam em relação aos jovens;

— a caminhar com os jovens a fim de aprender juntos a viver a unidade na diversidade e construir um mundo atento às aspirações dos jovens.

As autoridades eclesiais:
— a não oporem uma concepção imutável e autoritária da Igreja, com vista a um redescobrimto da mensagem do Novo Testamento;

— a animarem os educadores dos jovens em geral a que se apoiem na esperança.

18 — ESTOMBAR — De importância arquitectónica, nesta povoação, só existe a igreja paroquial, situada em ponto alto, cuja frontaria, flanqueada por duas torres simétricas, dá de longe a ideia duma pequena catedral. Tem três portais — o principal, na frontaria; um em ogiva na fachada sul e outro de verga horizontal, na fachada norte. Estes portais têm sido dados em publicações como manuelinos, aproximando-se até o principal do de Alvor, o que acho sem qualquer fundamento. Para mim são composições híbridas, em que, além de elementos dum manuelino já muito eivado de renascença, existem outros — todos os que excedem os capitéis — desastrosamente acrescentados nos restauros. O interior, de três naves de quatro tramos, com arcos redondos circundados por uma faixa de bons azulejos do século XVIII. Também um rodapé de azulejo da mesma época e idêntico padrão rodeia toda a igreja. Pena que lhe tivessem sobreposto um lambris de azulejo vulgar, de casa de banho... Sobre o arco da capela-mor, a envolver o óculo e a ocupar todo o espaço da respectiva parede, um quadro de azulejo, cuja parte decorativa está muito baralhada mas cuja parte central, representando a Ascensão, é muito interessante e expressiva. Também em volta da janela do coro há vários painéis de flores isoladas.

Na capela-mor, abóbada e paredes são completamente revestidas de interessantes quadros, que o Guia de Portugal considera «de desenho incorrecto mas belos de cor». Representam cenas evangélicas e anjos brincando. Na abóbada, uma glória do Santíssimo Sacramento. Na parede do lado da epístola, uma movimentada e bem desenhada batalha naval (não esquecer que o padroeiro Santiago era o padroeiro dos guerreiros das Espanhas). São datados de 1719.

As capelas colaterais também são azulejadas com motivos principalmente marianos. Na do Santíssimo, está a data — 1743.

O retábulo da capela-mor, do século XVIII, é bom. Fundo azul com relevos dourados. Três medalhões no arco, com dísticos. Por cima do central, pelicano alimentando os filhos. Tem sacrário fixo. O trono, muito original, está datado de 1760.

Existe neste templo uma curiosidade artística de interesse igual ao misterioso que apresenta. São duas colunas, uma de cada lado do interior da porta principal, ornadas de alto a baixo com intrigantes baixos-relevos. A do lado do evangelho tem quatro ordens de figuras. Na primeira a contar de baixo, vê-se um músico com flauta, outro com gaita de foles e um terceiro com pandeireta. Na segunda, há três figuras de mulher com as mãos no peito ou no ventre, uma delas com um cão preso por corda e coleira, e uma figura de homem barbado, também com as mãos no peito. Na terceira ordem, mais quatro figuras de mãos no ventre. Na quarta, ainda outras quatro com as mãos em posição semelhante. Uma parece um rei, outra sustenta uma corda, outra é um guerreiro com armadura e, um pouco acima, está a última com a mão esquerda no peito e a direita levantada. A coluna da nave da epístola tem cinco ordens de figuras. Na primeira a contar de baixo, vê-se: um guerreiro com espada e escudo redondo; homem barbado com viola; rei, de mãos postas; músico barbado com tambor e uma só baqueta. As figuras da segunda ordem são: mulher de mão no peito; mulher, de mãos nos quadris e com um banguinho à frente; homem com chave; homem com coroa (ou contas?) na mão. Na terceira: homem com contas na mão; padre com pluvial e de mãos postas; figura com um cajado na mão direita e uma cabaça na esquerda; rei, de espada ao ombro. Na quarta: santo com auréola e palma ao ombro; frade, de cordão franciscano à cintura; bispo, de mitra e báculo, abençoando; outra figura, de mãos postas. Na quinta: pagem com gomil na mão direita; outra figura sustentando, talvez, um hissope; outra, de mão no peito; e uma última impossível de examinar. Estas colunas, já assinaladas, mas

nunca descritas, constituem um grande ponto de interrogação na nossa história da Arte. Ataíde Oliveira julga-as provenientes «de algum templo antigo destruído» pelo terremoto de 1755. A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira considera-as um «documento único no seu género no nosso país» e diz que «a característica dos instrumentos permite fazer remontar as colunas ao século XVI». Disse-me pessoalmente o autor do artigo da Enciclopédia que era essa a opinião do distinto musicógrafo Armando Leça. Quanto à proveniência das colunas e significado da sua composição, peço, como o meu antigo professor de Latim: «Diga quem souber!» O Dr. Joaquim Magalhães e o António da Encarnação Mourinho já falaram delas, depois de este meu artigo estar escrito, mas também não adiantaram mais.

Do recheio desta igreja, seleccionarei: as boas imagens de S. Tiago e S. José, anteriores a 1710; dois interessantes crucifixos de marfim; dois quadros para a boca da tribuna, um representando uma «glória» e outro, o Baptismo de Jesus; vários outros quadros espalhados pelas capelas; uma grande tela da Descida do Espírito Santo, em que os Apóstolos aparecem muito dispersos; paramentos dos séculos XVII e XVIII; um precioso cofre eucarístico, de âmbar chapeado de prata com interessantes relevos de curiosíssimas figuras de animais. Asas em serpente. Tampa canelada. A ornamentação parece gótica, o que pode fazê-lo remontar ao século XIV. Segundo um inventário de 1837, «era do Convento». Possui ainda: uma boa custódia do século XVIII; duas cruzes processionais do século XVII, relicário do Santo Lenho, com autêntica.

Nas ruínas da capela do convento de S. António do Praxel, havia ainda há poucos anos seis painéis de azulejos com as estações da Via-Sacra, policromos. Deviam ser contemporâneos da fundação, no século XVII. Sem protecção alguma desde que os vi, em 1945, receio bem que já lá não esteja nenhum...

PINHEIRO E ROSA

(Continua)

« Transmitir a cultura à luz da fé »

Ao focar o problema do ensino religioso nas Escolas Católicas, a Declaração da Sagrada Congregação começa por definir a missão da Escola Católica, atribuindo-lhe a responsabilidade de «transmitir, de modo sistemático e crítico, a cultura, à luz da Fé e de educar o dinamismo das virtudes cristãs, promovendo assim a dupla síntese entre cultura e Fé e entre Fé e vida».

De seguida, o citado documento acrescenta que a «Escola Católica tem consciência da importância do ensino da doutrina evangélica, como é transmitida pela Igreja Católica. Tal ensino constitui, efectivamente, um elemento fundamental da acção educativa, propondo-se orientar o aluno para uma ocupação consciente, que deve ser vivida com empenho e coerência... Tal ensino, embora não se esgote nos «cursos de religião» integrados nos programas escolares, deve ser ministrado na escola, de forma explícita e sistemática, a fim de que não venha a criar-se na mente dos alunos um desequilíbrio entre a cultura geral e a cultura religiosa.

Tal ensino é completamente diferente dos outros, porque a sua finalidade não é mera adesão da inteligência às verdades religiosas, mas a adesão de todo o ser à pessoa de Cristo.

Embora reconhecendo que o lugar próprio da catequese é a família coadjuvada por outras comunidades cristãs, especialmente pela paroquial, nunca se insistirá bastante na necessidade e na importância da Catequese na Escola Católica para a maturação dos Jovens na Fé.»

onha
ras
ARO

Tesouros sem Cortes

(Continuação do número anterior)

17 — ESTOI — A paróquia desta povoação é uma reconstrução do princípio do século XIX, em estilo neo-clássico, patrocinada pelo Bispo Meceñas, que foi o grande D. Francisco Gomes do Avelar. A magestade e graça do frontispício são realçadas pela escadaria que o antecede. Porta e janela são da ordem jónica, continuada no interior nos capitéis das belas colunas inteiriças, de 15 palmos de altura, sobre pedestais de um metro.

Chama a atenção no interior o baptistério reparado e decorado em 1911 pelo Visconde de Estoi. Há nele uma tela representando o Baptismo de Cristo, restaurada nessa altura no atelier de Domingos Costa. No tecto, e nas molduras do quadro e nas das janelas, pinturas a fresco no gosto das do Palácio, a que adiante me referirei.

Do recheio deste templo destaca: uma imagem de S. Diogo, pela sua raridade; o púlpito, todo de mármore regional; um pálio roxo de damasco brocado; uma base de cruz processional, da Confraria das Almas, trabalho do século XVII, em prata branca, forma de templete com uma alma em chamas no interior.

A peça mais rica é a custódia, de prata dourada com a altura de 55 cm. Base rectangular chanfrada com duas asas que a ligam ao pé. A parte inferior deste é um cilindro com baixos-relevos de anjos. Segue-se-lhe um oval também com baixos-relevos, de que nasce uma espécie de naveta ainda relevada, onde assenta o ostensório em templete, formado por uma base rectangular com os ângulos substituídos por quadrados, donde nascem as quatro colunas coríntias a sustentar um entablamento, fazendo os mesmos contornos da base e encimado por quatro flores. Dos dois lados da base e do entablamento estão salientes lâminas ligadas por colunas de fantasia, tendo por baixo campainhas pendentes e por cima estatuetas de anjos com símbolos da Paixão. Por sobre este corpo, há outro de mais pequenas dimensões e mais simples, tendo no meio um **Agnus Dei**. Tudo encimado por uma estatueta de Cristo resuscitado. Peça do século XVII, pesa 3400 gramas e figurou na I Exposição de Arte Sacra do Algarve, em 1940.

Mas a jóia desta aldeia é, sem contestação, o Jardim, nome por que é conhecido o conjunto — jardim e palácio — hoje pertencente aos herdeiros do Visconde de Estoi e classificado como imóvel de interesse público. Antiga vivenda senhorial dos Condes do Carvalhal, vendida por morte da última senhora dessa família para o seu produto ser repartido pelos pobres, segundo o testamento do último morgado, foram compradas as suas partes, já em diferentes mãos, por José Francisco da Silva, natural de Estoi, que resolvera restaurar o jardim e o palacete, muito arruinados.

Os trabalhos foram iniciados em Janeiro de 1893, sob a direcção e estudos do arquitecto e decorador Domingos António da Silva Meira. Na execução

entraram operários e artistas nacionais e estrangeiros. Diz-se que o Visconde (o título foi-lhe concedido pelo Governo de Sua Magestade em 1906) gastou ao todo — 109.555\$85,9. Façam-se as devidas multiplicações para formar a ideia de qual seria a correspondência actual...

Entrando pelo portão principal do jardim, encontram-se ao princípio da rua central os bustos de Castilho, Bocage, Garrett e Marquês de Pombal, de artistas nacionais, e duas estátuas para iluminação, obra de Ferdinand Fabri e Figlio, de Florença. No primeiro pavimento, formando o painel de fundo, admira-se um pequeno templo com um pórtico e colunas, entre as quais, na parte superior, se vê o brasão de armas dos primitivos proprietários. No interior, onde há uma cascata, encontram-se as três graças, em grupo, sobre uma concha e pedestal de mármore da Itália, trabalho da Galeria Androny, de Pisa; em nichos laterais, as estátuas de Vênus e Diana. O chão, tectos e outros vãos são revestidos de mosaicos executados pelo genovês Marches Andrea; as decorações, repuxos, etc. pelo artista algarvio José Pedro da Cruz Leiria.

Os azulejos que revestem os corredores e a frente da cascata são uma perfeita imitação do azulejo azul da antiga fábrica do Rato, menos um «panneau», que é autêntico e deixo à perspicácia do visitante descobri-lo. Executou esta obra o artista José Maria Pereira Júnior. Um dos portões que ladeiam a frente da cascata é meramente pintado por Francisco Luís Alves, mas tão maravilhosamente pintado, que ilude perfeitamente.

Em frente do templo há dois meios círculos com assentos de cantaria e costas de azulejos, obra de José Maria Pereira, e ornamentados com os bustos do Imperador e da Imperatriz da Alemanha e com grandes vasos em estilo manuelino.

Sobê-se para o 2.º pavimento por duas elegantes escadarias com suas respectivas balaustradas, encontrando-se ao cimo mais mosaico do citado genovês. No centro deste pavimento, um grande lago com bordo e balaustrada de cantaria recebe a água do grande depósito da fonte da aldeia. No centro desse lago, um pedestal de cantaria, sobre o qual assenta em penhasco o grupo de estátuas e duas sereias aos lados, tudo de mármore de Itália, com registos para jogos de água. Mais um trabalho da Galeria Androny, de Pisa.

Este 2.º pavimento forma um quadrilátero. No lado fronteiro à entrada, três bem trabalhadas portas de ferro envidraçado com vidros de cores dão acesso a três vãos com um primoroso estuque árabe em suas paredes, nas quais estão quadros em relevo alusivos ao Nascimento de Cristo, trabalho da equipa do decorador Meira. No centro, admira-se um presépio, de José Pedro da Cruz Leiria. Ainda neste pavimento, voltado para o Sul, o busto de Milton.

Nos dois ângulos do fundo deste rectângulo, erguem-se frontões com estátuas encos-

tadas a painéis de azulejo, trabalhos em relevo, representando o Anoitecer e o Amanhecer. Coroando estes trabalhos, os bustos de Camões, Vasco da Gama, etc..

Dois escadas de cantaria levam a uma varanda, passadiço sobre uma estrada, e por meio de um elegante portão de ferro ingressa-se noutra quadrilátero, ornado nos dois ângulos da frente por pequenos pavilhões com frontões. Num deles há pinturas de Francisco de Sousa Alves e no tecto do outro, paisagens suíças. O palácio forma o fundo e a frente deste jardim; ao lado alegretes com paredes pilastradas e sobre estas os bustos de Bismarck, Boltke, Frederico e deuses pagãos: Júpiter, Vênus, Diana e outros. Para a sacada do palácio sobe-se por duas escadas. Por debaixo e nos seus patins vêem-se figuras decorativas, obra da Galeria Androny, de Pisa. E é neste pavimento que se admiram duas estátuas, um pastor e pastora piemonteses, dum estatuário romano, que, no entender de alguns, são o trabalho mais artístico existente em todo o jardim.

O palácio tem 28 compartimentos. Aludirei só aos de aparato. O salão nobre (20x10x10), Luís XV, em alto relevo, com pinturas e dourados. A tela do tecto e as bandeiras das portas, à Luís XV, são obra primorosa de Adolfo Greno. Há uma tela de cisantemos e atributos de Luís XV, cuja paternidade pertence a José Maria Pereira Júnior. A pintura da mobília é de Domingos Costa; os dourados, de Manuel da Costa, dourador da Casa Real. O mobiliário, de Manuel Marino & C.ª. A sala de visitas é também Luís XV, com a tela do tecto de Domingos Costa e o mobiliário da casa anteriormente citada. Na sala de jantar — renascença — a tela do tecto é de José Maria Pereira Júnior e o mobiliário italiano. Há mais uma saleta, com tecto de primoroso estuque e uma tela da pintora napolitana Maria Barreta, que tem outra tela sua no quarto do lado da torre. No vestíbulo do Jardim do Carrascal, o bem trabalhado estuque do tecto imita troncos e folhas de hera.

Deixei para o fim a capela, também em estilo Luís XV. Tem três altares: o da frente com uma tela representando a Sagrada Família, de S. S. Ferreira, discípulo da escola romana ao serviço da Academia de Belas Artes, de Madrid, datada de 1775. No tecto, outra tela representando a Ascensão, por Francisco Luís Alves. O recheio desta capela, com comunicação interior para o palácio, mas com porta para a rua, é um escrínio de arte condigno de tudo o mais. Desde o crucifixo de pau santo com o Cristo e os ornatos de marfim, peça mimosa, às pequenas imagens de Cristo Preso à Coluna, mármore branco, e S. Francisco de Assis, madeira; desde a tela — Nascimento de Jesus — assinada por Bento Coelho da Silveira até à Nossa Senhora do Carmo, outra tela do século XVII; desde as alfaias a que não falta nem as sacras, nem o lustre e lampadário, nem a cruz processional, nem o turíbulo, até ao notabilíssimo trabalho dos para-

17- F802

NOTÍCIAS

MEXILHOEIRA GRANDE

COLÓNIA DE FÉRIAS

Tal como o ano deste ano o Secretário da Mexilhoeira Grande, uma Colónia de férias de Julho, na Praia cave da Casa que a renhas mais uma vez posição para o efeito.

Subsidiada pelo I esta Colónia principal dos campos de recreio entre 9 ser maior o isolamento atualmente vivem.

Foram 37 as crianças que uma vez tiveram a oportunidade de passar uns dias bellissimos na Praia de Rocha, orientadas por Doroteias e três C.ª. ao longo do ano tinto na pastoral dessa freguesia.

Além da praia, as crianças terão, durante as férias, uma visita ao Castelo e à Fábrica do Sumo Infantil da Alameda Ayamonte (Espanha) e outros pontos de interesse do país. A visita a um país novo, e a não acreditavam o Sol o mesmo, a água a mesma, se ferente a linguagem das crianças não é assim como não as barreiras levantadas, levantadas e lados... E a liberdade gostariam mais que a liberdade de correspondentes simplicidade dos adultos.

O sacrifício das generosidade dos Pais e a de muitos benefícios de dentro e fora de tomado possíveis que não seriam viáveis apenas na ajuda do Estado.

Aqui fica mais um obrigado da paróquia Grande ao IASE e afeitores desta colónia convite a não deixarem de fazer contribuições.

FUZETA

DIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO

O nosso Pároco cristão, em honra de Nossa Senhora do Carmo, por inten-

mentos; estamos um bellissimo tesouro da parte do qual só se pode ver, pois a aplicação cultural.

Tem ainda Estorvença, com a sua tra notabilidade: romanas de Milreu, uma villa ou palácio de um rico magnata com seu templo e jardins privados. E mais os restos da cidade de Ossónoba, com o provadíssimo templo local, onde a

Ainda se pode ver de parte do templo, do lado em toda a sua extensão, compartimentos, neário, troços de colunas, fustes de colunas, seus próprios lugares do a sugerir-nos a ideia de um culto à Virgem, talvez de um templo, o que nada mais tem de tir em face da variedade de pedras usadas nos mosaicos.

(Conti)

PINHEI

obra o artista
reira Júnior. Um
que ladeiam a
sta é meramente
Francisco Luís Al-
naravilhosamente
lude perfeitemen-
lo templo há dois
s com assentos
costas de azule-
José Maria Pereira,
os com os bustos
e da Imperatriz
e com grandes
lo manuelino.
ra o 2.º pavimen-
elegantes escada-
s respectivas ban-
construindo-se ao
osaico do citado
centro deste pavi-
grande lago com
estrada de cantaria
do grande depó-
da aldeia. No cen-
o, um pedestal de
e o qual assenta
o grupo de está-
sereias aos lados,
ore de Itália, com
jogos de água.
balho da Galeria
isa.
imento forma um
No lado fronteiro
s bem trabalhadas
erro envidraçado
e cores dão aces-
s com um primo-
ábrabe em suas
quais estão qua-
vo aluivos ao
e Cristo, trabalho
decorador Meira.
mira-se um presé-
Pedro da Cruz
neste pavimento,
o Sul, o busto de
ngulos do fundo
gulo, erguem-se
estátuas encos-

da de pertença a **Manuel Pereira Júnior**. A pintura da mobília é de **Domingos Costa**; os dourados, de **Manuel da Costa**, decorador da Casa Real. O mobiliário, de **Manuel Marino & C.** A sala de visitas é também **Luís XV**, com a tela do tecto de **Domingos Costa** e o mobiliário da casa anteriormente citada. Na sala de jantar — renascença — a tela do tecto é de **José Maria Pereira Júnior** e o mobiliário italiano. Há mais uma sala, com tecto de primoroso estuque e uma tela da pintora napolitana **Maria Barreta**, que tem outra tela sua no quarto do lado da torre. No vestíbulo do **Jardim do Carrascal**, o bem trabalhado estuque do tecto imita troncos e folhas de hera.

Deixei para o fim a capela, também em estilo **Luís XV**. Tem três altares: o da frente com uma tela representando a **Sagrada Família**, de **S. S. Ferreira**, discípulo da escola romana ao serviço da Academia de Belas Artes, de **Madrid**, datada de 1775. No tecto, outra tela representando a **Ascensão**, por **Francisco Luís Alves**. O nicho desta capela, com comunicação interior para o palácio, mas com porta para a rua, é um esdrúculo de arte condigno de tudo o mais. Desde o crucifixo de pau santo com o Cristo e os ornatos de marfim, peça mimosa, às pequenas imagens de Cristo Preso à Coluna, mármore branco, e **S. Francisco de Assis**, madeira; desde a tela — **Nascimento de Jesus** — assinada por **Bento Coelho da Silveira** até à **Nossa Senhora do Carmo**, outra tela do século XVII; desde as alfaías a que não falta nem as sacras, nem o lustre e lampadário, nem a cruz processional, nem o turbulo, até ao notabilíssimo trabalho dos para-

de dentro e fora da freguesia têm tomado possíveis tais realizações que não seriam viáveis, baseados apenas na ajuda do IASE.

Aqui fica mais uma vez o muito obrigado da paróquia da Mexilhoeira Grande ao IASE e a todos os benfeitores desta colónia e, desde já, o convite a não deixar morrer tais iniciativas.

FUZETA

DIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO

O nosso Pároco celebrou a Eucaristia, em honra de Nossa Senhora do Carmo, por intenção dos cristãos

mentos; estamos em face de um bellissimo tesouro artistico, parte do qual só serve hoje para se ver, pois deixou de ter applicação cultural.

Tem ainda Estou, a umas centenas de metros da aldeia, outra notabilidade: são as ruínas romanas de Milreu, restos de uma villa ou palácio de campo de um rico magnate romano, com seu templo e seus banheiros privativos. E de forma alguma os restos da antiga cidade de Ossónoba, que hoje está provadissimo ter sido no próprio local, onde assenta Faro.

Ainda se pode ver uma grande parte do templum, de um lado em toda a sua altura primitiva, compartimentos do banheiro, troços de belos mosaicos, fustes de colunas em seus próprios lugares, etc., tudo a sugerir-nos a magnificência de um culto à água, por parte talvez de um opulento armador, o que nada repugna admitir em face da quantidade e variedade de peixes representados nos mosaicos.

(Continua)

PINHEIRO E ROSA

condolências.

PADERNE

No passado domingo, dia 7 de Agosto, o Senhor Bispo fez a visita pastoral a Paderne. D. Ernesto Gonçalves Costa celebrou a Eucaristia e administrou o Santo Crisma a um grupo de 28 jovens, que desde a Páscoa se prepararam convenientemente para a recepção deste Sacramento.

No acto o Venerando Prelado que foi acolitado pelo Pároco, Dr. Padre Clementino Pinto, Padre José Rosa e Padre Sebastião, pronunciou uma homilia repleta de ensinamentos práticos e muito actualis. A igreja paroquial estava repleta de fiéis, que seguiram atentamente, as cerimónias.

Pereira, L. do

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 30 de Abril último, lavrada a fls. 31 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º B-105, do notário do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi dissolvida a sociedade em epígrafe, que tinha a sua sede no sítio do Vale das Almas, freguesia de São Pedro, concelho de Faro e que pela mesma escritura foram dados como partilhados os bens sociais.

Está conforme.

Faro, aos 2 de Maio de 1977.

O Notário.

(a) — Francisco Carreto Clamote

Tesouros sem Cortes

(Continuação do número anterior)

14 — CASTRO MARIM —

A igreja de Nossa Senhora dos Mártires, paroquial desde 1755, em que caiu a igreja de S. Tiago, no interior do castelo, foi vítima, em 1960, dum pavoroso incêndio que lhe causou muitos estragos no interior, mas que não afectou o aspecto exterior do gracioso templo.

Atribuída erradamente a fundação da primitiva ermida a D. Paio Peres Correia, sabe-se hoje pela «visita» de 1518 ter sido mandada erigir por Lopo Mendes de Oliveira, Comendador da Ordem de Cristo e Alcaide do Castelo de Castro Marim. Era só a parte hoje correspondente ao corpo da igreja. O cruzeiro com a respectiva cúpula e a capela-mor foram mandados levantar pela confraria nas primeiras décadas do século XIX, tendo ficado concluídos em 1834. Foi arquitecto desta obra João Lopes do Rosário, o autor da última das torres do Carmo de Faro. O zimbório tem oito janelas de verga em arco de círculo e é encimado por uma cúpula emoldurada terminada em falsa lanterna, que um fogaréu coroa.

Na fachada sul, há uma galilé de cinco arcos de volta inteira, sustentados por colunas de pedra, cujos capitéis são imitação de estilo manuelino. Tudo encimado por uma platibanda moderna recortada em cruzes de Cristo.

O interior deste cruzeiro contém três capelas: mor, do Santíssimo e do Calvário. As três tinham retábulos neo-clássicos, que, como o segundo deles, de que consta documentalmente, deviam ser de 1834. O do San-

tíssimo foi pintado e dourado pelo pintor Manuel José da Conceição Palma.

Do recheio deste templo em pinturas, imagens, paramentos peças de ourivesaria e mobiliário litúrgico, alguma coisa se salvou. Escapou a imagem de Nossa Senhora dos Mártires, moderna, de 1900, e seu nicho; as de Santa Luzia (séc. XVII) Menino Jesus (séc. XIX); Senhora da Encarnação, antiga mas desvirtuada por um restauro e a de S. Gabriel, pedra pintada, que Alberto Souza considerou como da Escola de Coimbra, de que fez um apontamento, na minha presença, num bocado de papel que tínhamos à mão, apontamento esse que vem reproduzido em «Cincoenta anos de Vida Artística».

A pintura desapareceu toda, incluindo duas grandes telas do corpo da igreja, que representavam o «milagre do mouro».

Dos paramentos inventariados em 1945 ainda existem uma casula de damasco verde, dalmáticas de damasco vermelho e o manto de N. Sra. dos Mártires.

Na ourivesaria são de mencionar a coroa de ouro de N. Sra. com imperiais e ametistas, a custódia de prata dourada (séc. XIX) e o turbulo e naveta (1886).

Os retábulos das capelas do Santíssimo e do Calvário aproveitaram-se mas com nova pintura. Arderam o púlpito, o órgão, um confessionário de modelo curioso, mas salvou-se um sacrário de talha miniatural, que julgo do séc. XVI ou XVII, pois veio da paroquial antiga.

As outras igrejas da vila, sem representatividade arquitectónica, só apresentam de curioso algumas pinturas. Na de Santo António, um retábulo com sete «tábuas» de milagres do orago. Na de S. Sebastião, outro retábulo, este do século XVII, feito no século passado, contém sete painéis em tábuas: N. Senhora e santos. Também nesta igreja existem pinturas a têmpera ao modo de final do século XVIII e curiosas sanefas em «trompe l'oeil».

O castelo, monumento nacional, é atribuído a D. Afonso III e por outros a D. Diniz. D. João IV reparou-o e aumentou-o depois de 1640. Possivelmente teve origem remota e as primeiras obras defensivas ali feitas pelos portugueses devem ter assentado em construção árabe.

Externamente, as muralhas, de cor avermelhada, têm uma forma semi-circular, com uma porta voltada para Oeste e um postigo para Sudoeste. Internamente, levanta-se outro castelo, mais antigo, de forma quadrada, com quatro torreões e duas portas. É o Castelo-Velho — reconstrução ou reedificação da obra mourisca, anterior à reconquistada. No terreiro do castelo, existem as ruínas da antiga Misericórdia, ostentando a data — 1317 —, mas com um pórtico renascença, bem conservado. Há nela uma sepultura de 1628 e outra de 1634.

Existe ainda o Forte de S. Sebastião, no serro do Cabeço, fronteiro ao Castelo, levantado por D. João IV.

Numas dependências do Cas.

telo, há um pequeno Museu, com achados do mesmo castelo e da vila.

15 — CONCEIÇÃO DE FARO

— Cita-se esta igreja pela sua capela-mor manuelina, com abóbada perfeita e formosamente artesoadada. O arco é muito elegantemente lavrado.

Possui alguns paramentos antigos, um curiosíssimo lampadário de latão de modelo muito original, e um grande sacrário de boa talha, que se diz ter sido da Misericórdia de Faro.

Junto ao cemitério, ergue-se um cruzeiro, com imagem, cujo pedestal é uma coluna jónica.

16 — CONCEIÇÃO DE TAVIRA

— A igreja paroquial teria sido primitivamente gótica, como se vê pela abóbada da capela mor — de quatro nervuras partindo de mísulas, unidas ao centro por um bocete com a cruz de Santiago e duas conchas. Deve ter sido refeita no século XVI, com um grande arco triunfal até ao tecto e elegantes colunas de leves pedestais e capitéis sem estilo. Mas a sua importância está no pórtico, de espelhar terminado em cornija sustentada por cachorros: é de cinco colunelos reintrantes e outras tantas arquivoltas. Estas são todas ligadas excepto a externa que é delicadamente ornada por uma silva enrolada. Essa silva cobre todos os capitéis e, em alguns deles, é entremeada com cabeças de dragões mordentes. Na esquina direita, uma carranca. O colunelo externo é o único ornado por fina rede. Os pedestais são também lavrados.

Do recheio, a única peça notável é a custódia do século XVII. Prata dourada e lavrada. Base oval recortada. Pé em taça estilizada com duas volutas, donde pendem pingentes. Ostensório em templete encimado por cúpula finamente burilada. A particularidade de uma gavetinha no friso inferior do templete.

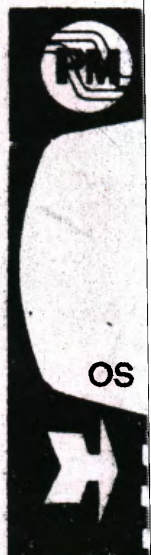
PINHEIRO E ROSA
(Continua)

Encerrado na presente época balnear o Casino de Armação de Pera

O funcionamento do «Casino» de Armação de Pera nos moldes em que nos últimos anos tem vindo a decorrer não tem correspondido ao fim turístico do imóvel, e antes tem sido objecto de justas e fundadas críticas.

Assim, entendeu a Comissão Regional de Turismo do Algarve, ser preferível mantê-lo encerrado na presente época balnear dado que as suas actuais condições de conservação não permitem a respectiva exploração em moldes que prestigiem esta importante estância turística.

Presentemente está em curso a elaboração do projecto de remodelação do Casino, sobre o qual a Direcção Geral do Turismo já deu parecer informal, esperando-se que, no próximo ano e após a execução das obras necessárias, já o mesmo esteja ao serviço do turismo em condições condignas, prevendo-se até a existência dum piscina com medidas razoáveis.



OS

NOTA

CARTÓRIO DO CONCEIÇÃO

CERTIFICADO de publicação q... quinze de... ano, lavrada... duas verso... do livro nu... E NOVE, e... escrituras... Cartório, a c... cenciada: — Vilhena Sequ... Cabrita, os S... CO FELICIAN... GAS, solteiro... no sítio de B... de Salir; MA... MARTINS VI... sidente no re... tórios, cons... uma socieda... quotas de re... mitada, deno... & VIEGAS, sede na cid... Travessa Ale... número três, a qual se reg... tante da pre... está conform

PRIMEIRO

adopta a firm... VIEGAS, LIM... sua sede na... na Travessa... lano, número... Sé, durará p... minado e o... -se-á a partit

SEGUNDO

é o comércio... tudo quanto... este ramo de... quer outra ac... cidade resol... permita;

TERCEIRO

cial, integralm... dinheiro, é d... cudos e cor... de duas quo... to e cinque... uma de cada

QUARTO:

quotas entre... deiros é livre... nhos depend... da sociedade

QUINTO:

autorização... dade, para a

Convívio de Professores que há 25 anos concluíram o curso na Escola do Magistério Primário de Faro

Os professores do Ensino Primário oficial que há 25 anos concluíram o seu curso na Escola do Magistério Primário desta cidade, efectuaram, no passado dia 16, em Faro, uma reunião de convívio.

Presentes o antigo director, Dr. Hortênsio Pais de Almeida Lopes, D. Joselda Fausto Cravinha, Dr. João Esquível, prof. José Manuel Trancoso Fortes Rodrigues, professores José Manuel Guerreiro e Manuel José Marcos da Fonseca, respectivamente, director e adjunto do Distrito Escolar de Faro, e sr. Canas, em representação dos funcionários!

As 11 horas, realizou-se uma reunião, na Escola do Magistério Primário, tendo sido descerrada depois uma placa comemorativa da ocorrência.

Seguiu-se o almoço de confraternização, num restaurante dos arredores desta cidade.

Aos brindes, falaram os srs. prof. Manuel José Marcos da Fonseca, D. Joselda Fausto Cravinha e Dr. Hortênsio Lopes, que salientaram o significado daquela reunião.

14-16
C. Pereira - Conc. Pereira

Tesouros sem Cortes

(Continuação do número anterior)

9 — BARRANCO DO VELHO — Sítio da freguesia de Salir, foi dotado pelas famílias Pereira e Ventura Frade duma capela moderna, da autoria do arquitecto Veloso Reis Camelo, inaugurada em 1944.

Com uma situação privilegiada apresenta linhas modernas dentro do tipo antigo de igreja rústica algarvia, em que tudo foi tratado com requinte, produzindo um gracioso conjunto, tanto exterior como interiormente.

10 — BELIXE — Fortaleza reedificada no ano de 1632, sendo Governador do Algarve D. Luís de Souza, conde do Prado, encontrava-se em ruínas, mas foi restaurada há anos pelos Monumentos Nacionais, bem como a pequena capela, dedicada a Santo António.

11 — BENSFRIM — Cita-se esta paroquial não pelo seu notável valor artístico, mas por formar um belo conjunto devido a um padre poli-artista dos fins do século passado e princípios deste — António José Nunes da Glória — (1842-1916).

Arquitecto, escultor e pintor, deixou a sua personalidade marcada neste tempo, que delineou, decorou e enriqueceu de quadros, frescos e imagens de sua autoria ou por ele restaurados. Dele escreveu Brito Rebelo em «A Arte e a Natureza em Portugal»: cabe bem àquele sacerdote o apelido, porque é uma verdadeira glória da sua terra, coroada por uma incomparável modéstia»

Sporting Forense: Treinador, Direcção e Jogadores apresentam-se

O treinador Fernando Mendes, a nova Direcção do Sporting Forense tiveram um encontro com a nova equipa do Sporting Forense.

É constituída pelos jogadores José Armando, Ismael e Manuel João (guarda-redes), Cajuda, Viola, Rafael, Rogério, Balela, Orlando, Farias, José Eduardo, Pedro, Sequeira, Tó Zé e Tó Bica (estes dois promovidos a seniores), Caixinha (ex-Olhanense), Carlos Alberto (ex-Esperança) e Augusto (que do Silves regressa ao seu clube).

Deixaram de fazer parte do elenco: Lampreia, Caneira, Valdir, Henrique, Almeida e Mário Jorge).

Professora do Ensino Básico

Em Faro, Olhão ou Tavira interessada em permuta com colega colocada em Lisboa (Freguesia de Santos-o-Velho).

Dirigir ao Apartado 15 — Olhão.

Escrevi, há anos, uma pequena biografia deste sacerdote, intitulada «Um Padre Artista — António José Nunes da Glória», de que ainda é possível obter alguns exemplares, no Museu Arqueológico de Faro.

12 — BUDENS — Embora sem nenhum monumento religioso representativo, inclui-se esta Freguesia por as suas igrejas paroquiais possuírem algumas peças de Arte antigas muito curiosas. Suas igrejas — isto é — a paroquial e a de Barão de S. Miguel, sua dependente.

Citam-se, em ourivesaria: cruz processional, custódias, turíbulos e navetas, dos séculos XVII e XVIII. Interessantes paramentos e alfaias dos séculos XVI e XVII, algumas em tecidos orientais.

Na ermida de S. Lourenço, um frontal de altar, com azulajo, do século XVIII.

É também nesta freguesia que se encontram as ruínas romanas da Boca do Rio — restos de uma povoação derubada pelo mar.

13 — CACELA — Igreja paroquial construída muito longe da actual povoação. Edificada pouco antes de 1518, em substituição, da primitiva que devia ser dos fins do século XIII. Desta primitiva resta uma pequena porta lateral. Da do século XVI resta quase tudo, embora se diga que o terramoto de 1755 a tenha lesado bastante. Tem um pórtico renascentista com os bustos de S. Pedro e S. Paulo em relevo. As duas pilastras laterais são ornadas de carrancas, machados, tridentes, cabeças de anjos, dragões, arcos e aljavas, etc.

As três naves do interior são separadas entre si por arcos de pedra, ogivais, apoiados em colunas apenas de 1,70 m de altura, com bases e capitéis oitavados, ornados por hemisférios e algumas por cordas.

Há uma capela da Senhora dos Mártires com arco renascentista em que não faltam os bustos de S. Pedro e S. Paulo. A sua abóbada é arzoada, mas as nervuras partem das mísulas regulares, não chegam ao centro e sim a quatro nervuras rectas em quadrado, com as quais se unem em bocetos estrelados.

Do recheio, chama-se a atenção para a grade de ferro da capela do Santíssimo, do século XVII, e para uma cruz processional, de ferro recortado, com ar da mais alta antiguidade. Sem Cristo e com figuras nas extremidades: em cima, S. José; à direita, Nossa Senhora; à esquerda, S. João Evangelista; e, em baixo, Santa Maria Madalena.

Próximo da igreja, fica a fortaleza mandada construir em 1770 por D. Rodrigo de Noronha, ao tempo Governador do Algarve, mas só acabada no reinado de D. Maria I, em 1794.

Pinheiro e Rosa

(Continua)

de norte
de s

os nossos clientes

Voltamos a servir o Al
directo

A nossa FILIAL DE FARO



uma organização ao ser
estudos e pro

Filiais em: Açores • Cacém • C

Capítulo Provincial da Ordem Dominicana

De 5 a 19 do mês corrente a Província Dominicana Portuguesa esteve em Capítulo no convento de Fátima. É um acontecimento que se verifica todos os quatro anos para a eleição do prior provincial e do conselho da Província e para revisão de projectos e reformulação de leis.

Com a presença de fr. João José Gallego, Assistente do Mestre da Ordem para as Províncias Dominicanas Ibéricas e sob a presidência do prior provincial cessante, os vogais capitulares, representantes eleitos das várias comunidades dominicanas da Província, elegeram para o cargo de prior provincial Fr. MATEUS NUNO CARDOSO PERES, até agora prior do convento do Porto.

Fr. Mateus, de 44 anos de idade, entrou na Ordem Dominicana em 1956, logo a seguir à licenciatura em Direito Civil na Universidade de Lisboa. Feito o noviciado cursou Filosofia em Fátima e estudou Teologia no convento dominicano de estudos de Ottawa (Canadá), onde, em 1963, obteve o grau de «Leitor em Teologia» e a licenciatura em 1968. Ensinou Teologia no Studium Generale do convento dominicano de Fátima de 1963 a 1967 e na Faculdade de Teologia de Ottawa, de 1967 a 1972. Nesta data foi eleito prior do convento do Porto, alargando a sua actividade docente ao ISET (Instituto Superior de Estudos Teológicos) em Lisboa e no Porto e depois ao ICHT (Instituto de Teologia de Porto. Além da sua actividade apostólica dentro da Ordem Dominicana e junto de Congregações Religiosas, esteve empenhado em serviços de Ciências Humanas e Teológicas) no diocese do Porto como membro da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, presidente do Secretariado Permanente do Conselho Presbiterial e Juiz Assessor do Tribunal Eclesiástico do Porto.

Como o prior provincial foi eleito o conselho da Província, composto pelos quatro Definidores eleitos, fr. Alberto Maria Vieira, fr. João Domingos Fernandes, fr. Jerónimo Carneiro, fr. Luís Gonçalves Leitão Cerdreira e ainda pelo ex-prior provincial, fr. Miguel Martins dos Santos e pelo fr. Bento Domingues, Promotor dos estudos na Província Dominicana da Portugal.

A
Arte

Cer
de pub
critura
fls. 87
-105
Cartór
Notar
assinã
entre
Lopes
e Neu
Martib
so, a
grafe,
consta
seguir

1.º -
adopt
«A Pr
tes M
Ld.»,
na lo
chão
n.º 60
to na
Bivar
guesia
por t
do, a p
2.º
por
de a
artes
poder
qualq
de co
que a
explo
de a
3.º

7 — ALTE — A igreja paroquial tem de notável o portal manuelino e a capela-mor do mesmo estilo. É anterior a 1518. A porta, propriamente dita, formada por dois colunelos encimados por arco abatido, é envolvida numa moldura limitada por duas colunas com torcidos e dois colunelos, que se continuam todos a formar arco conupial.

As colunas da igreja são de tijolos e alvenaria a revestir as de pedra muito delgadas e incapazes de sustentar os arcos cuja alvenaria também foi engrossada.

O arco triunfal, em calabra torcido, está bastante escondido pela moldura e espaldar de madeira que pespegaram por mandado dum Visitador em 1758.

A abóbada é artozoada com fechos ricos, vindo os artesões descansar sobre mísulas lavradas, numa das quais estão relevadas a lua e estrelas, símbolos marianos. As paredes e a abóbada desta capela são inteiramente revestidas de azulejos do século XVIII, de dezasseis em figura, emoldurando quadros de anjos com sçafates de frutas e outros com instrumentos musicais. Devem ser pouco posteriores a 1713.

Uma outra capela desta igreja é revestida de azulejos, dos quais Santos Simões escreveu: «Tive a grata surpresa de encontrar na curiosíssima igreja matriz de Alte, um reduzido núcleo de azulejos... que são os primeiros, que, desse tipo raro, encontro em Portugal. São azulejos de superfície lisa, de padrão policromo e que logo reconheci como exemplares de fabricação sevilhana, do último quartel do século XVI. Mesmo no local de origem não são estes azulejos frequentes e a sua presença nessa deliciosa aldeia de Alte é, pelo menos, surpreendente. «Acréscenta o saudoso ceramógrafo que «azulejos deste mesmo modelo, certamente de fabricação comum, encontram-se na igreja do Convento de Santa Clara, de Sevilha», e que são atribuídos ao mestre Alonso Garcia e datados por ele de 1575. S. Simões julga os de Alte mais recentes, talvez de 1596. Mas, apesar disso e da maneira por que estão alterados nas suas posições, considera-os «dos mais valiosos que se encontram no Algarve», e muito importante porque permitem, por comparação das cercaduras comuns, atribuir a fabricação sevilhana o revestimento datado de 1596, da igreja de S. Roque, de Lisboa, até hoje julgado português».

Há ainda a notar dois retábulos de talha do século XVII — o da capela da Senhora do Rosário (1758) e o da capela do Morgado, ostentando o brasão dos condes de Alte: escudo encimado por coroa de conde e sustentado por dois leões rompantes, esquartelado em campo de ouro. No primeiro quartel, um braço segurando uma chave; o segundo empalado e com banda; o terceiro, esquartelado, com leão rompante em cada quartel.

menos um; o quarte com cinco escudos. Pendente, a cruz de Cristo.

As pias de água benta são manuelinas.

Numa elevação de 472 metros, distando de Alte ao noroeste uns 1300 metros, existe uma caverna, denominada a *igrejinha dos Soidos*, visitada em tempos por Carlos Bonnet. Consta que lá existem estalectites estalagmites.

*Tessuras com Cortes - Pinheiro e Rosa
na Faculdade de Desporto 22/7/77*

*22/7/77
7 - 8
Alte - Alentejo*

8 — ALVOR — A igreja paroquial, embora no século XVIII tivesse levado os repa-

ros que o terramoto exigiu, ficou ainda toda eivada do manuelino em que fora edificada no século XVI, já com laivos de renascença. Há quem a considere construída por um artista local. «O pórtico muito original e profusamente lavrado, é manuelino com pormenores da renascença — bases de octógonos escavados, figurinhas metidas em edículos, máscaras, flores, folhagens... tudo ingénua e um pouco tosco, mas tocantemente imaginoso». Arco de volta redonda. Os colonelos externos e respectiva arquivoita são troncos nodosos de árvore. A moldura que se lhes segue é historiada até aos capitéis, vendo-se nela as seguintes figuras: um homem e uma mulher, esta com chaile e chapô na cabeça (pormenor regionalista); um frade em acto de bater num cão; vários guerreiros com um cavalo. No outro lado, dois lobos sustentando um disco; outros dois segurando uma árvore; dois guerreiros a uma janela». O mais são ornatos do estilo — folhagens várias. Embutidos na parede aos lados do pórtico, duas carrancas.

Na fachada sul, outra porta manuelina, onde os pendentos nascem de máscaras grotescas. Verga manuelina terminada por uma pinha.

O interior é de três naveas, separadas entre si por arcos de volta redonda apoiados em colunas cilíndricas, de grés de Silves, de bases e capitéis manuelinos, como manuelinas são as pias de água benta.

A capela-mor tem arco manuelino com dois colonelos, sendo o exterior torcido. As suas paredes são forradas por azulejos policromos, emblemas já do século XVIII. Em dois quadros, estão representados o Lava-Pés e a Ceia do Senhor.

Imagem notável é a do Senhor Jesus, de muita devoção regional. De madeira e em tamanho natural, tem pormenores anatómicos de grande interesse escultórico, entre eles

a abertura da boca, o amortecimento dos olhos, a deformação do pé direito para ser pregado sobre o esquerdo, etc.

O painel da boca da tribuna, grande tela de boa pintura representando o Salvador, orago da igreja, é atribuído ao pintor louletano Rasquinho.

Além da duas capelas do século XVI, a igreja possui alguns cálices curiosos, um cofre eucarístico de prata dourada relevada e uma cruz processional com as figuras das Santas Mulheres.

Do castelo de Alvor, arruinado pelo terramoto de 1755, quase nada resta.

Tesouro sem castel - Pórtico e Pias

Im. Folh. de Domingo - 22/2/77

1 — ALBUFEIRA — Os edifícios religiosos desta vila não são de valor artístico representativo, nem mesmo a Misericórdia, antiga capela do castelo, onde há vários elementos de gótico impuro. Na matriz, porém, há a admirar um painel de fundo, do falecido Pintor algarvio e albufeirense, Samora Barros (1887-1972) e a imagem da Padroeira, belíssima escultura moderna.

Do antigo castelo muito pouco resta. No Município conserva-se a carta de foral de D. Manuel.

Em 1958, foi inaugurado um Museu Arqueológico - Histórico. Mas, por morte do seu fundador, ficou abandonado e quase desmantelado. Tem peças romanas e visigóticas, além de algumas pre-históricas e elementos da antiga matriz.

Tesouros sem Cortes - Pinheiro e Rosa
14 Folha de Domingo 15/7/77

15/7/77

1-6
Albufeira - Alameda

2 — ALCANTARILHA — A igreja paroquial possui uma capela-mor manuelina. Há na igreja um paramento verde do século XVIII e um turíbulo e navea do século XVII, dignos de se verem. Anexa ao templo, uma pequena capela «do ossos», há anos restaurada.

*Tesouros sem Cortes — Ambrósio e Rosa
na Folha de Domingo de 15/7/77*

3 — ALCOUTIM — A igreja paroquial tem um portal renascença, que julgo da época de D. João III, e interessantes capitéis nas colunas do interior, onde se vê, no baptistério, um baixo-relevo colorido com a data de 1653 e a legenda: CAPITULUM - SACROSANCTAE - LATERANENSIS - ECCLESIAE. Possui um cofre eucarístico de prata e madre-pérola e uma custódia-templete do século XVII terminada por uma estatueta de N. Senhora da Conceição.

A igreja desta invocação, propriedade da Câmara Municipal e sobranceira à vila, tem um pórtico manuelino e um interessante retábulo do século XVII, encimado pelo escudo nacional.

O castelo, tomado por D. Sancho II em 1240 e reedificado por D. Diniz em 1304, está muito arruinado.

*Tesouros sem cartas - Rouberto e Rosa
em Febra de Domingo - 15/7/77*

4 --- ALGÔS --- A paroquial
arquitectonicamente não tem
notabilidade artística mas tem
algumas peças de interesse,
entre elas um missal chapeado
de prata, um cofre eucarístico
de 1675 e duas cruzes proces-
sionais em que o Cristo é ain-
da de saio. Podem-se ainda
admirar nela os azulejos do sé-
culo XVII que forram o bap-
tistério, uma grade de janela da
sacristia (séc. XVII), o balda-
quino da capela-mór e a talha
dourada de duas capelas late-
rais.

Situada no alto dum cerro,
donde se avistam sítios de 14
freguesias, fica a ermida da Se-
nhora do Pilar. Além do seu
magnífico retábulo do século
XVII, apresenta pinturas deco-
rativas do século XVIII no arco
triumfal e cinco tábuas com
assuntos da Paixão de Cristo.

*T. Soares com fotos - Pontal e Rosa
em Felha de Domingo 15/7/77*

5 — ALJEZUR — A igreja paroquial é moderna (sagrada em 1809), de linhas simples mas muito elegantes, como as sabia mandar fazer o bispo mecenaz do Algarve, D. Francisco Gomes do Avelar. Tem uma imagem notável da Padroeira, Nossa Senhora da Alva (Aljezur foi tomada ao romper da madrugada), um cofre eucarístico de charão preto com incrustações de madre-pérola, e um preciosíssimo cálix gótico a que é adaptável um ostensório do século XVII.

O que resta do castelo, caído pelo terremoto de 1755, foi restaurado há anos pelos Monumentos Nacionais.

*Tesouros sem Costas - Pinheiro e Rosa
na Folha de Domingo - 15/7/77*

6 — ALMANCIL — No sítio de S. Lourenço, ergue-se a airosa capelinha, escrínio dum dos mais formosos conjuntos de Arte no Algarve. Essa capelinha é toda forrada no interior por azulejos datados de 1730 e assinados por Policarpo de Oliveira Bernardes. Deles escreveu Santos Simões: «O recheio de azulejo da igreja de S. Lourenço de Almancil é o mais notável do Algarve e, sem dúvida, dos mais extraordinários de Portugal, o que o mesmo é dizer, que, no género, dos mais extraordinários do Mundo!...» «A abóbada de berço é a peça principal do admirável conjunto. Toda forrada de azulejo, o efeito decorativo e cenográfico é do melhor estilo e perfeito desenho. A composição arquitectónica, complicada no seu barroquismo, é valorizada pelas «aberturas» perspectivadas através das quais se vêem colunatas.»

Também o retábulo da capela-mór, com seu sacrário, e o altar, de mármore regional, são de admirar.

No sítio de S. João da Venda, a igreja, paroquial até 1849, apresenta restos de elementos manuelinos no denticulado exterior e na abóbada e colunatos do arco triunfal. Possui um retábulo do século XVI, com quadros inclusos.

*Fez-se com estes - Arquivo - Lisboa
na Folha de Domingo 15/7/77*

O Arco da Vila e as Muralhas da Cidade Tesouros sem Cortes

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 3 251

19 — FARO — (continuação). Monumento — cartaz da cidade é o chamado Arco-da-Vila construído por D. Francisco Gomes do Avelar no lugar onde existia a antiga porta, chamada de Rui Barreto, sobre a qual os marítimos edificaram a ermida da Senhora do O. Foi seu autor o architecto genovês Fabri. Aproveitou uma descrição antiga. «Ao meio, o pórtico do arco pleno emoldurado por duas colunas da ordem jónica com seus capitéis; os fustes são lisos de mármore cinzento. Sobre os capitéis corre o epistílio, sobre o qual descansa um nicho com a imagem de S. Tomás, de mármore branco; o nicho, de semi-cúpula, é ornado por pilastras compostas com seu frontão. Dum lado e outro do nicho, ornamentação de esferas; este pórtico padeceu evidentemente da influência da linda portada da Misericórdia...

Por sobre a cornija, de uma e outra banda, corre uma balaustrada de mármore, com quatro acrotérios ornados de agulhas e urnas com grinaldas. Ao meio, eleva-se o frontão principal de lados curvos, sobrepujado por uma lindíssima sineira toda de silharía, ornada de pilastras jónicas e rematada pelo frontão clássico, com uma cruz de ferro». As lamentações que este crítico de Arte fazia em 1916, substituo eu agora as minhas: que, numa jóia destas, os Monumentos Nacionais se tivessem permitido pôr a descoberto pedras colocadas a esmo na parede e porventura sem qualquer significação.

Este monumento foi inaugurado a 21 de Outubro de 1812. No seu interior, existe um arco árabe, a única manifestação artística deixada pelo povo que aqui permaneceu alguns séculos.

As Muralhas de Faro, infelizmente já mutiladas, cercavam o primitivo núcleo da cidade antiga, conhecida por Vila-a-dentro. Têm entrada por três portas — a da Vila, a do Repouso e a Nova — e por um irreverente rombo que uma Câmara, de mãos dadas com um Ministério, se permitiu praticar na terceira década deste século... Assim se desfez a vetusta cintura militar, desmantelado já o velho castelo, para num dos torreões desvirtuado se montar uma fábrica de álcool e, mais tarde, de cerveja...

A frontaria marítima do castelo ainda é reconhecível, mas o antigo alcácer dos mouros foi totalmente modificado, apresentando as características da arquitectura militar portuguesa medieval. Neste ângulo da muralha, donde se domina o principal canal de acesso à ilha, se construiu, no tempo do Conde de Lippe, um revelim à Vauban, com seus merlões e canhoneiras, a marcar os progressos da artilharia. Conservado no restauro das muralhas, por ser dos poucos que restam em fortificações portuguesas.

De carácter medieval é também a parte

externa dos lanços desde a Fábrica da Cerveja até ao Arco do Repouso e deste até ao Arco-da-Vila. A taipa interior está a falar-nos da ocupação mourisca. É o material que se encontra no primeiro desses Arcos, muito desvirtuado do que seria na época árabe, antes do insulto sofrido no fim do último século, quando lhe incrustaram um prédio num dos torreões.

Atrostando contra a indignação do tradicionalismo, atrevo-me a afirmar que este Arco do Repouso não é o que figura no brasão de Faro. A existência duma antiquíssima ermida sobre a porta da Vila, confrontada com as miniaturas medievais que ilustram o milagre de Santa Maria de Faro no Códice do Escorial, não se compadecem com a concepção, aliás tardia, de colocar a milagrosa imagem sobre o Arco do Repouso. A sugestão deve ter vindo das duas torres. Mas falta-lhe o principal — a Virgem. E essa está sobre o Arco da Vila, na ermida que primitivamente e antes dele, se chamou — de Entre-ambas-las-águas. Ora só deste lado a Virgem estaria entre as águas do fosso vindo do Repouso e as directas da ria...

Da porta de Afonso III até ao Arco da Vila, a muralha fica-nos encoberta. Mas o que dela não se vê será também de construção portuguesa. São-no certamente os torreões hexagonais que ainda se vêem: três no Largo de S. Francisco e um na Rua do Albergue.

Do Arco da Vila até ao torreão de João de Aboim, a muralha foi escandalosamente amarfanhada, senão aniquilada pelos... edifícios públicos!...

Do torreão de João de Aboim até à Porta Nova (aberta no século XVII) é feita de pedras de tamanho mediano, aparecendo muitos fustes de colunas, provenientes da antiga Ossónoba, e outras pedras maiores perfeitamente aparelhadas embutidas na parte inferior. Da Porta Nova até ao Castelo, há lanços, até ameidados, em que sucessivos concertos ou reconstruções e até atentados estão bem patentes. Juízo ser deste lado que está alguma construção romana e o grosso das reparações, apressadas e alitivas, de que os árabes lançavam mão para assegurarem o senhório da terra.

O interior desta cidadela de planta oval é curiosíssimo, pois as ruas periféricas seguem os contornos da muralha e há duas ruas axiais: a do Município — da Porta da Vila ao Largo da Sé e ao Castelo; a do Repouso — do Arco do mesmo nome ao Largo de D. Afonso III. O esquema da povoação medieval e até árabe conserva-se intacto. Situado nele a Catedral, os Paços do Concelho, com a Biblioteca o Paço Episcopal, o Seminário, a Escola do Magistério, o Convento-Museu, os restos do Castelo, um solar do século XVIII, além duma típica vivenda do XIX, e, de mais a mais, elevado oito metros sobre o nível da baixa, merece bem o título de acrópole da cidade.

Em correspondência com estas fortificações, havia, no Alto de Rodas, um bauarte e, no Alto de Santo António, uma torre de alalata, de que resta ainda na ermida daquele santo uma abóbada arceada em estilo gótico e duas lápides alusivas.

(Continua)

Pinheiro e Rosa

IN "FOLHA DO DOMINGO"
n.º 3258 de 16/10/77

Tesouros sem Cortes

Museu de Lagos

— viagem maravilhosa à roda dos séculos

22 — LAGOS. (continuação)

— Está naturalmente indicado falar agora do Museu Regional de Lagos. O edifício, em que se encontra instalado, é constituído pela sacristia da igreja de Santo António, pelo agraço quintal e casa de arrecadação da mesma igreja, transformados em salas de arqueologia, e por casas particulares expropriadas, acrescentadas ao Monumento Nacional, que a igreja é, e por isso adaptadas às novas funções de museu pela D. G. dos Monumentos Nacionais.

O Dr. José Formosinho, notário em Lagos desde 1917, mostrando desde a juventude preferência cultural pelos assuntos de História e Arqueologia, conseguiu obter, em 1930, da Câmara Municipal de Lagos plena aprovação para a sua proposta da criação de um pequeno museu local, onde viessem a ser arrecadados todos os valores artísticos e arqueológicos, quer os já existentes e dispersos, quer os que porventura viessem a ser encontrados na zona urbana, e cujos espólios pudessem documentar os estudos das respectiva regiões. Criada assim a possibilidade da existência de um Museu, começou o Dr. Formosinho o seu trabalho de carinhosa recolha de tudo o que, sob o aspecto histórico e arqueológico, apresentasse manifesto interesse, tendo desde logo aproveitado as escavações que em Lagos se realizavam em 1930 para a implantação de uma fase da rede de esgotos, para a obtenção de elevado número de moedas romanas e de algumas peças árabes, hoje existentes no Museu.

Em 1931, iniciou o Dr. J. Formosinho, numa dependência da igreja de Santo António, as instalações do Museu, com uma secção de Arte Sacra, onde reuniu objectos de incalculável valor artístico e de interesse histórico. Em 1932, e numa dependência da mesma igreja, foi iniciada a secção de Arqueologia, que tem sido constantemente aumentada com o produto dos trabalhos de escavação realizados pelo fundador do Museu, desde Maio de 1933 a Janeiro de 1940 e de 1945 a Setembro de 1955. A primeira interrupção foi causada por uma grave doença. A última e definitiva, pela morte, que o ceifou em pleno entusiasmo.

As sucessivas ampliações começaram em 1934 e foram feitas ao longo de anos e permitindo que se criassem as novas secções de: etnografia, artesanato algarvio, numismática, sala histórica de Lagos, e salas de exposições de Artes Plásticas, de curiosidades, de etnografia ultramarina, biblioteca, etc..

AS PEÇAS MAIS INTERESSANTES

Que o leitor se digne acompanhar-me, em espírito, na volta que vou dar através deste Museu, para reparar nas suas peças mais interessantes. Entramos por um formoso pórtico renascença, que para ali veio da secularizada igreja do Compromisso Marítimo. No átrio, encontramos, além de peças arqueológicas, bastantes azulejos dos séculos XVII e

XVIII. Penetramos seguidamente na sala de Arqueologia, onde, nesta visita artística, deixamos de reparar nas peças meramente arqueológicas para dar atenção ao que podemos chamar arqueologia artística. Ali estão três peças do palácio romano do Milreu — Busto de Galieno capitell coríntio e baixo-relevo de jaspe. Nas paredes, lindos chãos de mosaico da Abtcada. A um canto, a reconstituição dum canto de casa romana, da Boca do Rio — mosaicos de pavimento e frescos de parede.

Podemos ainda recuar mais no tempo, sem fugir ao tema — arte. Dos tempos proto-históricos, uma pedra de dólmen com figuras traçadas. A época ibérica sofreu ultimamente um atentado, pois foram roubadas recentemente uma minúscula mas valiosíssima estatueta de osso e algumas moedas de imenso valor.

Deixando atrás todo o artesanato algarvio e a etnografia ultramarina, chegamos à funcional sala de exposições, dotada de luz zenital, onde deparamos com belos trabalhos de escultura e pintura modernas. Na primeira, está ali representado Raul Xavier, Júlio Vaz Júnior e Joaquim Passos.

Pintura então há ali a rodos, limitando-me a citar nomes: Silvia Santos, Lázaro Veloso, João Barata, Jaime Murteira, Ayres Ferreira, Albano Portocarrero, Santos Braga, Max Tams, Alexandrina Chaves Berger, Samora Barros, etc.. Na sala de aquarelas e carvões, há 21 artistas representados, como Carlos Reis, Samara Barros, Silva Porto, Tomás da Anunciação, Veloso Salgado, Lyster Franco, Roque Gameiro, Artur Buil, Jorge Barradas, etc..

Na sala de Lagos, pode-se ver o altar de Santo António que acompanhou o regulamento nas

Guerra Peninsulares, e o Foral de Lagos, manuelino. A colecção de moedas é importante, a começar pelo número — 1850.

ESPLENDOROSA COLECÇÃO DE ARTE SACRA

E eis-nos na Secção de Arte Sacra. At é um esplendor condigno da igreja que lhe fica vizinha. Admira-se um crucifixo, bellissima escultura em marfim, de uma perfeição anatómica invulgar. Contemplam-se de todos os séculos os paramentos do século XVI, ricamente bordados a ouro e matiz, que a tradição diz terem servido na missa campal a que assistiu D. Sebastião antes do embarque para Alcácer-Kibir (1578). Entre as várias imagens, destacam-se a Senhora da Piedade, de alabastro, e o S. Gonçalo. E mais: paramentos e imagens, cálices, custódia com pedraria; uns, fundo do Museu, outros, depositados pelas diferentes igrejas da cidade.

Guardai para o fim referência ao diptico da Escola Portuguesa: duas tábuas do século XVI — Anunciação e Apresentação — belamente desenhada e colorido, restaurado há anos nas oficinas do Museu das Janelas Verdes, hoje Instituto José de Figueiredo.

Esta, num apressado resumo, a parte artística deste Museu, que é um prelúdio à maravilhosa sinfonia, pela qual se termina geralmente a visita — a deslumbrante capela de Santo António, já aqui apreciada. E assim o visitante pode fazer uma viagem maravilhosa «à roda dos séculos», começando nos balbúncios da pre-história para chegar aos esplendores da época mais brilhante que a Arte atingiu no nosso país.

Pinaheiro e Rosa

Tesouros sem cortes

Museus Etnográfico e Marítimo, Estátuas e Bustos

19 — Faro (continuação do n.º 3203) — Na rua de Santo António, há uma casa apalaçada com uma porta barroca, de volutas aos lados, e uma série de janelas com suas cornijas e sacadas. Conhecida por «Casa das Açafatas» por nela terem morado senhoras que tinham exercido essa missão junto duma das rainhas de Portugal. Era o solar da família Cavalhal, antiga dona do Jardim de Estoi.

O palácio da Junta Distrital é de construção moderna, gosto discutível, mas tem uma sala de sessões bastante decorada e alberga no seu rés-do-chão, o Museu Etnográfico Regional — uma criação do talento do pintor farense Carlos Porlirio, que ali gastou os últimos lampejos do seu estro, que ficou «em pedaços repartido» pelo mundo.

A cargo da Junta Distrital, está instalado na antiga Praça Arantes e Oliveira, hoje da Liberdade. Inaugurado em 1962, é um magnífico mostuário das actividades artesanais e do folclore algarvio: chaminés, arreios, capachos e outras obras de palmeira, cerâmica popular, etc.. Há uma sala em que estão representadas picturalmente as principais lendas do Algarve. Noutra, em grandes painéis, quadros de costumes algarvios: a feira, as fogueiras de S. João, os combates de carretilhas, tudo coroado pela última obra do Pintor e saudoso organizador de tudo isto — a Mãe Soberana, corporização da devoção popular à Virgem centralizada na vila de Loulé. De notar ainda várias artes de pesca e algumas representações da casa rural algarvia.

Na Quinta do Alto, e.gue-se o chamado Palácio Fialho, construído já neste século pelo importante industrial daquele nome, que lá viveu nos últimos anos da sua vida. Em estilo neo-clássico, com boas salas, rodeado de belíssimos jardins a que não faltam estátuas de certa grandeza, pertence hoje à Diocese do Algarve, que nela instalou um Colégio para educação de raparigas.

De lembrar ainda o palacete Cúmano, no Terreiro do Bispo, onde está instalada a Escola de Hotelaria e Turismo; e o Quartel da Guarda Fiscal ou Palácio da Alfândega, gracioso edifício em que se começou a vê-lo de frente e com perspectiva.

A actual «Casa dos Pescadores», antigo «Compromisso Marítimo», tem certo cachet dado pelo nicho de S. Telmo e das arcadas que o ornam. Na rua que o ladeia e tem o seu nome, um prédio com janelas joaninas iguais às do Seminário põe uma nota de nobreza e vetustez e no seu interior há também uma porta manuelina. Ao fim dessa rua, na volta para a Travessa dos Arcos, uma janela manuelina dá mostra que, nesses tempos, Faro já era gente.

Ainda se encontram mais duas portas manuelinas: uma na Livraria Silva e outra na casa da Rua Monsenhor Botto pertencente ao Sr. Engenheiro Sande Lemos.

A Capitania do Porto está instalada num edifício moderno sem notabilidade, mas encerra também o Museu Marítimo. É bastante antigo e sucedeu ao Museu Industrial Marítimo, primitivamente instala-

do na extinta Escola Industrial de Pedro Nunes. O fundo desse museu era constituído por uma colecção reunida pelo oficial de marinha e engenheiro hidrógrafo António Artur Baldaque da Silva, e por este vendida ao Governo. A essa colecção juntou-se outra organizada pelo também oficial de marinha e lente da Escola Naval, Francisco Fonseca Benevides.

De 1895 a 1916, as colecções estiveram instaladas em vários edifícios, e passaram por tais inclemências, que o Pintor Lyster Franco empregou toda a sua influência de forma a conseguir a sua anexação à Escola de Alunos Marinheiros do Sul, instalada no antigo Paço Episcopal.

Extinta a referida escola, passaram as suas instalações a serem ocupadas pelo Departamento Marítimo do Sul, a quem foi confiada a guarda do museu.

Deve-se ao falecido almirante Ramalho Ortigão a iniciativa da instalação condigna das colecções, que, por essa altura, foram reparadas e ampliadas. O Pintor Lyster Franco beneficiou, carinhosamente, cerca de 64 quadros a óleo, pintando e oferecendo ao mesmo mais três grandes telas.

De tudo isto saiu o Museu Marítimo, actualmente instalado em dependência propositadamente preparada na Capitania do Porto.

É composto de algumas centenas de riquíssimas peças, desde a valiosa colecção de quadros assinados por João Vaz, Lyster Franco, Samora Barros, e outros, até aos variadíssimos modelos de barcos, redes, artes, aparelhos e utensílios de pesca do alto, costeira e fluvial; de barcos de tráfego local e de comércio; modelos de construção naval, de ferros e bóias; instrumentos e aparelhos usados a bordo; modelos de máquinas; e uma interessantíssima colecção de modelos de navios de guerra e outros, construídos pelo engenheiro agrónomo Manuel Bivar e por seus filhos depositados no Museu.

Já agora, faça-se uma resenha das estátuas, bustos e monumentos que se erguem na cidade, embora a alguns já se tenha aludido.

Estátuas: a de S. Tomás de Aquino, no Arco da Vila; a de D. Francisco Gomes, por Raul Xavier, no Largo da Sé; a de D. Afonso III, oferecida pelo Estado, no Largo do mesmo nome; esta última em bronze, as outras duas em mármore.

Bustos: o de João de Deus, no Jardim Manuel Bivar; o de Aboim Arcenção, no Largo de S. Sebastião; o do Dr. Ferreira de Almeida, na Praça Alexandre Herculano; o de Assis Esperança, no Largo do Poço de S. Pedro; e o do Dr. Silva Nobre, no Largo que tem o seu nome.

Monumentos: um (obelisco) a Ferreira de Almeida (tio), frente à doca; outro ao Coronel Pires Viegas, na Praceta do mesmo nome.

Notas Museológicas

10 — O CORO ALTO DO CONVENTO

Recomposto com uma formosa rosácea que lhe pertence e uma reixa feita em moldes antigos, esta importante peça da vida conventual é hoje um repositório de Arte Sacra. **Aqui se encontram os melhores quadros do Museu.**

Em primeiro lugar, os «Quatro Doutores da Igreja — S. Agostinho, S. Jerónimo, S. Ambrósio e S. Gregório Magno» — de Vieira Portuense, assinada e datada de Roma, em 1791. Pertenceram ao Paço Episcopal, para onde D. Francisco Gomes os mandara executar.

O Martírio de Santo Inácio não está assinado mas presume-se de Domingos Sequira.

Dois grandes quadros bíblicos — **Chegada de Jacob ao Egipto** (23 figuras) e **Estor apunçando Assuero** — **escola italiana** do século XVIII, ocupam uma das paredes.

Em volta da cadeira episcopal do Algarve (séc. XVI e XIX) histórica pelas personagens que a ocuparam, — entre elas D. Jerónimo Osório, D. Afonso Castelo Branco, D. Fernando Martins Mascarenhas, D. Francisco Barreto, D. António Pereira da Silva, D. José Pereira de Lacerda, D. Fr. Lourenço de Santa Maria, D. Francisco Gomes do Avelar, D. António Mendes Belo e D. António Barbosa Leão, — alguns quadros mais pequenos — S. Carlos Borromeu, S. Francisco de Sales, S. Francisco de Assis e duas belas cabeças de Cristo, de estilos diferentes:

Os arquibancos de coiro, ao centro da sala, são do século XVII.

Por empréstimo da Sé, um antifonário do século XVIII com desenhos à pena assinados por P. Elvas.

Pára nesta quadra o mistério da lenda. Aqui se venterava a imagem pètra da Senhora da Graça, oferecida por D. Catarina. Aqui trouxeram as freiras D. Sebastião, **parente quem a imagem desceram os braços.** Nessa imagem colocou a abadessa, a **pedra do sei, um memorial a impetrar o bom successo da jornada de África.** Em 4 de Agosto de 1578, dia do desastre de Alcácer-Kibir, caiu a mão da imagem onde estava o memorial «ficando o lugar donde se separara, cortado, como se fosse feito ao golpe de uma serra». As freiras viram no insólito acontecimento (a imagem era de pedra) um milagroso anúncio de qualquer desgraça, depois confirmada pela notícia do desastre.

PINHEIRO E ROSA

(Bibliografia — Pinheiro e Rosa — **História do Museu Arqueológico**, in: **Anais do Município de Faro**, 1989; **Um Antifonário «iluminado» do século XVIII**, 1948; «O mais Representativo Monumento da Cidade de Faro», sep. dos **Anais do Município de Faro**, 1978. Honorato Santos, **O Antigo Mosteiro das Freiras da Cidade de Santa Maria de Faro** (manuscrita), 1943. Fr. Jerónimo de Sá, — **Crónicas Seráficas de Santa Província dos Algarves**, 1750).

LE HAUT CHOEUR

Cette importante pièce de la vie conventuale, possédant une charmante rose et une grille refaite en modèle ancien est un repositoir d'Art Sacré. On y voit les meilleurs tableaux du musée: les Quatre Docteurs de l'Eglise signés et datés de Rome par Vieira Portuense, en 1791; le Martyre de St Ignace d'Antiochie; deux grands tableaux bibliques, remarquable celui de l'Arrivée de Jacob en Egipte; quelques portraits de saints parmi lesquels St. François de Sales; deux curieuses têtes du Christ, etc..

Remarquez aussi la Chaire Episcopale de l'Algarve (XVI^e et XIX^e siècles) où se sont assis des évêques illustres depuis le grand humaniste Jerónimo Osório. On y voit encore deux archibancs du XVII^e e siècle et un Antiphonaire «illuminé» du XVII^e s.

On rattache à cette salle, où a été le roi Sébastien, une légende relative à sa défaite à Arcácer-Kibir; une image de la Vierge, en pierre, aurait laissé tomber une main au moment de là bataille.

THE HIGH CHOIR.

The important place of the convent life, that has got a wonderful rose window and a grating made according the old models, is full of «sacred arts». We can see inside the best pictures: The Four Doctors of the Church, signed and dated from Roma by Vieira Portuense, in 1791; the Martyr — domo of Saint Ignatius of Antiochia; two big Biblical pictures, one of them notable represents «The Arrival» of Jacob to Egipt; some pictures of saints; two curious heads of Christ, etc..

Don't forget to have a look at the Bishops' Chair of Algarve (XVIth and XIXth centuries) where distinguished Bishops since the great humanist Jerónimo Osório sat down.

There are two benches of the XVIIth century and a «illuminated» Antiphonarium of XVIII century in the room.

There is a legend about this room, where the King Sebastian had been before starting to Affrica: it is said that a hand of stone statue of the Virgin fell down just on the moment the King was defeated, in Alcacer Kibir.

TESOUROS SEM CORTES

LAGOS Fortificações; e estátuas (duas obras de arte e um mamarracho)

22 — LAGOS (continuação)
— Há em Lagos um edifício civil de interesse histórico — é o chamado «Mercado dos Escravos». Na Praça da República, ao lado do Hospital Militar, existem ainda uns arcos, nos baixos da casa pertencente hoje à Alfândega, conhecidos ainda por Guarda Principal, porque esta aí esteve instalada com a prisão militar, onde foi o primeiro mercado de escravos dos tempos modernos, de tão triste memória para as nossas ideias actuais, mas absolutamente corrente naqueles em que se realizou.

Também ainda se vêem bastantes restos das antigas fortificações, não das primeiras erguidas no tempo de D. Afonso IV, mas das que D. Manuel mandou erguer. Tinham quatro baluartes para os lados do mar, com os nomes que persistem na toponímia actual — Porta de Portugal, Porta Nova, Barroca e Trem do Quartel; e oito baluartes para os lados de terra — Porta Vila, Coronheiro, Cafaria, Freiras, Porta dos Quartos, Paiol, Jogo da Bola e Porta do Postigo.

Os ditos muros tinham quatro portas para o mar — S. Gon-

çalo (ainda existente, no interior da qual está o edículo de S. Gonçalo, onde a tradição diz que ele nasceu); Cais; S. Roque (que era onde hoje se erguem os Paços do Concelho); e Nova. Para a parte de terra, as portas de: Portugal, Postigo, Quartos e Vila.

Dos baluartes ainda se vêem alguns em estado precário. Só

do lado do mar as muralhas foram reparadas pelos Monumentos Nacionais, incluindo os torreões da porta de S. Gonçalo. Num desses panos de muralha, abre a janela manuelina, donde é tradição que D. Sebastião assistiu à missa campal, antes da partida para Alcácer-Kibir.

Estas muralhas e baluartes foram concluídos no tempo de D.

João III. Sofreram muito com o terremoto de 1755 mas foram logo reparadas. Posteriormente as portas foram sendo alargadas ou demolidas, o mesmo sucedendo a vários troços da cercadura.

Complemento destas fortificações eram as fortalezas da Meia-Praia, com uma fenda desde o terremoto, hoje tornada um rombo, e a da Ponta da Bandeira, bem conservada e por onde se pode fazer ideia do que eram esses meios de defesa.

Já agora farei referência às três estátuas que se erguem em Lagos. A primeira é a do Infante D. Henrique. Monumento condigno, inaugurado durante a minha permanência em Lagos, e junto do qual tive ocasião de falar, uma vez, emocionadamente, à juventude da Escola, onde era professor.

A outra é a de Gil Eanes, colocada também diante do mar, que ele enfrentou para abri-lo à navegação. Menos imponente que a do Infante, todavia é escultura expressiva e aceitável.

O que não posso aceitar, e, umas vezes, me revolta, outras, me faz tomar de um riso irreprimível, é o mamarracho que colocaram na Praça do Município e a que chamam a estátua de D. Sebastião. Que os escultores façam escultura «palhaçal», para gáudio do mau gosto pedante de certas correntes arrevesadas do mundo intelectual (?), passe. Mas que se empregue uma «coisa» daquelas para representar um Chefe de Estado, acho que é a maior das «poucas-vergonhas». Eu, se fosse chefe de Estado e me convidassem para inaugurar um «nojo» daqueles, voltava as costas e ia-me embora indignado. E, se fosse cão, não me dispensava de ir lurrar o meu «protesto líquido», todas as vezes que por ali passasse...

E então, desde que soube que o raio do «monstro» era filho de «coito danado», pois foi fabricado numa igreja que ficou em estado lamentável por causa da queda desgraçado «parto», já não tenho vontade de rir. Dá-me é de cuspir, não para o pobre rei, é claro, mas para a triste ideia (se não estivesse escrevendo para um jornal grave e sério, diria de outra maneira...).

Enforquem-me, se quiserem, mas não desdigo nem uma palavra!

Notas Museológicas

9 - Claustro Superior e Sala de passagem

O visitante entra no claustro superior por uma porta, cuja verga tem delicados ornatos renascença, como os tem uma outra logo à direita, que até foi pintada. Observa daí bem o mirante «grelhado», por ora inacessível, com curiosa vista sobre a ria, e começa a encontrar nas portas as indicações do destino de algumas salas ainda não restauradas, duas delas também com graciosas portas «renascença». — Sala da Cidade, sala de Arte Moderna, suite de azulejos, Algumas lápides pequenas e «alminhas».

Encontra ainda pedras de armas de alguns dos nossos reis, de D. Afonso III aos Filipes.

Depois de visitar as salas de cima, o claustro lhe mostrará os brasões das rainhas fundadoras, um da cidade, conhecido por «Senhora da Estrela», que foi de grande devoção dos marítimos, mais pedras de armas etiquetadas. Não deixe de reparar nos lavores e na data da verga da porta do antigo dormitório — 1545.

A sala de passagem apresenta-lhe à direita uma pequena porta ogival, que dá para a escada de caracol, acesso ao mirante. Encontra aí, entre outras obras de talha, quatro quadros do século XVII, que com outros e colunas, durante duas centúrias, cobriram as janelas das capelas góticas da Sé.

Muitas pinturas modernas, misturadas com quadros mais antigos, aguardam aqui o restauro dos compartimentos destinados à Arte Moderna, que um museu «vivo», como este pretende ser, não pode deixar de aceitar e acarinhar.

Nas duas vitrinas de curiosidades, há: um cofre eucarístico de madre-pérola e prata, trabalho indiano do século XVI; a bandeira do Brasil que estava na capela do Paço Imperial, quando foi proclamada a República; bonés militares do século XIX; as bandas dos vereadores municipais no tempo da monarquia; um bilhete de assinatura antiga do Teatro Lethes; três selos brancos da loja maçónica de Faro; autógrafo de D. Francisco Gomes; queixada de hipopótamo e exemplares mineralógicos.

Mais curioso que tudo isso, o livro da «Regra do Convento», escrito por uma religiosa, Soror Inês d'Assunção, em pergaminho com iluminuras simples nas capitais.

No chão, uma grilheta, achada no bairro Lethes ou do Colégio e fragmentos de estalactites.

PINHEIRO E ROSA

(Continua na 3.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

LE CLOITRE SUPÉRIEUR ET LA SALLE DE PASSAGE

La porte par où on y entre présente de délicats ornements renaissance, comme d'autre du même cloître, l'une d'elles datée de 1545.

Remarquez la tour à grilles, derrière laquelle les soeurs regardaient la ville.

On trouve des pierres d'armes de plusieurs rois portugais.

À la salle de passage, on trouve une petite porte ogivale donnant sur un escalier en vis, qui conduit au belvédér grillé. En outre, plusieurs tableaux modernes, on y voit des boiseries du XVIII.º siècle, des curiosités locales et la Regle de ce couvent, écrite au XVI.º siècle — parchemin illuminé.

THE UPPER CLOISTER AND THE PASSAGE ROOM

The door, which gives access to it, shows some delicate Renaissance ornaments, as others of the same cloister, of them dating from 1545.

Look at grating tower, behind it the nuns looked at the town without being seen.

Stones with coats of arms of several Portuguese Kings are found.

In the passage room, we can see a small door that leads us to the grating terrace. Besides several modern pictures, carving of XVIIIth century, local curiosities and the "Regra" (Rule) of this Convent, written in the XVIth century — illuminated parchment — are seen there.

ZN "FOLHA DO DOMINGO" n.º 3257

de 9/12/77

19 -- FARO -- (continuação do n.º 5258) — Entre os edificios civis, não posso deixar de me referir ao *Teatro Lethes*. Instalado no antigo Colégio dos Jesuítas, fundado no século XVI, e, pela expulsão destes, habitado por frades marianos ou *carmelitas calçados* até 1834, e em 1843 comprado pelo Dr. Lázaro Deghioni, que não se poupou a despesas para a sua adaptação a teatro, é considerado uma miniatura do Teatro de S. Carlos de Lisboa. Foi inaugurado a 4 de Abril de 1845.

Alguns outros edificios de interesse artistico devo assinalar na cidade, embora os numerosos terremotos tenham deixado pouco de pé. Primeiramente o *Paço Episcopal*, edificado por D. Afonso Castelo Branco e, no século XVIII, reedificado e embelezado por D. Fr. Lourenço de Santa Maria. Foi este prelado que mandou fazer os azulejos que ornarn as paredes das suas salas de aparato. Na primeira, são «*panneaux*» recortados com símbolos religiosos. Nas outras duas, lambris com símbolos episcopais. O mais imponente é o da escadaria nobre, representando, entre ornatos da época, a Fé sagrada pela Esperança.

Os azulejos da capela, tipo tapete são do século XVII.

Pega com o Paço, fazendo ângulo com ele, o edificio do Seminário, com duas partes distintas, uma mais antiga, com janelas joaninas, outra mais moderna, só notável pela imponência do conjunto. Foi construtor desta última o grande Bispo Avelar, cuja estátua, de Raul Xavier, se ergue no largo fronteiro.

Há, no interior do Seminário, uma janela manuelina.

Ao lado da Sé, as arcadas da Sala Capitular construída no século XVIII, ar-

cadadas hoje cegas, mas que foram primitivamente abertas, quando o pavimento chegava até ao seu nível.

Ainda no Largo da Sé, o edificio dos Paços do Concelho, construção dos fins do século passado, com exterior renovado, de 1945 a 1947, pelo architecto Jorge de Oliveira. Tem um salão nobre com estuques e pinturas. As pequenas salas laterais também têm tectos ornados de estuques. A cúpula em vidro sobre a escadaria ostenta estuques nos pendentes e há, na janela dessa estância, um magnifico vitral do pintor algarvio Joaquim Rebocho.

Edificio vasto, nele se albergam, além

dos serviços camarários, a Biblioteca Municipal e a Colecção de Arte «Ferreira de Almeida».

614 peças

Chama-se assim do nome do seu generoso Doador, o Doutor Amadeu Ferreira de Almeida, diplomata natural de Faro, que, nas suas andanças pelo Mundo, foi adquirindo, com pivações e sacrificios, numerosos objectos de Arte e os doou, ainda em vida, á sua cidade natal. Foi inaugurada em 24 de Março de 1944, com 614 peças. O Doador foi-lhe acrescentando, pouco a pouco, muitas outras, de modo que hoje é composta de 1070: 102 esculturas, 195 cerâmicas, 104 pinturas, 27 desenhos, 31 gravuras, 20 peças de mobiliário, 63 de ourivesaria, 49 de metais vários, 24 de vidraria; 12 de joalharia, 55 medalhas, 25 condecorações, 34 moedas, uma colecção de 36 caixinhas; outra de 183 cinzeiros; alguns maifins, livros preciosos, sinetes, fotografias, adereços, mapas antigos, lacas e charões, armas, diplomas, curiosidades, arte popular.

Estão representados nesta colecção, além de Portugal, mais trinta países, que enumero: Alemanha, com 30 peças; França, com 86; Espanha, com 31; Inglaterra, com 33; Índia, com 14; Rússia, com 6; Itália, com 58; Grécia, com 2; Arábia, com 2; Argentina, com 8; Dinamarca, com 98; Suíça, com 1; Chile, com 36; Colômbia, com 1; Bélgica, com 2; Polónia, com 4; Checoslováquia, com 3; Noruega, com 6; Japão, com 13; Brasil, com 10; Suécia, com 5; Jugoslávia, com 1; China, com 83; Uruguay, com 3; E. U. da América do Nor-

te, com 2; Holanda, com 53; Roménia, com 2; Coreia, com 2; São, com 1; e Cuba, com 1. Há ainda 199 peças de nacionalidade não identificada.

Esta colecção esteve primeiro instalada no salão nobre da Câmara, o que era muito inconveniente, porque, volta e meia, ele era preciso para sessões e conferências e tinha que ser removida a maior parte das peças. Resolveram alugar uma casa na Avenida da República e ali esteve até Maio de 1950. Dali veio outra vez para o edificio da Câmara, ficando alojada em duas salas relativamente pequenas. A certa altura, uma das salas foi precisa para as sessões da Câmara e as peças da colecção dispersas pelo edificio e uma parte em arrecadação.

Mudado o Tribunal Judicial para o novo Palácio da Justiça, surgiu a ideia de instalar a Colecção na sala até ali ocupada por aquele no edificio municipal. Mas só em 1964 essa sala ficou preparada e pôde receber o valioso conjunto. Uma segunda sala lhe foi acrescentada em 1967.

Em 1969, os 25 anos de existência da Colecção foram celebrados com uma visita guiada pelo director dos Museus Municipais, que reduziu as indicações por ele dadas nessa visita á forma de guia, que está publicado em três linguas — português, francês e inglês.

As principais peças da colecção

As principais peças de cada secção vão a seguir enumeradas.

Escultura: Bustos do Doador (bronze por Rudolph Tegner); de Eça de Queiroz, por Teixeira Lopes; da Viuva, desse mesmo escultor; Santa Bárbara, madeira (séc. XVIII); obrio lançado por Paul Gauguin; Budhas, em bronze, em quatro-rosas e em sândalo. A Venus, de Thorvaldsen. Castiçal chinês antigo.

Pintura: Lição de Música, óleo de Gaspar Netschar, 1677; Auto-retrato de Rembrandt (réplica pelo Artista); Retrato do

Doador, por José Campas; Sagrada Família, da escola italiana; Anunciação da Virgem (séc. XVI); Mulher escrevendo (cópia de Guido Reni); Rosas — óleo de Heiger Fischer (dinamarquês); miniaturas de Laure Lévy, de Opic, de Bloth, de Villie de König; João de Deus, aguarela de Leal da Câmara; último retrato do Dr. Ferreira de Almeida, pastel de G. Hou-tze, Copenhagen.

Desenho: Criança Dormindo — carvão de Gauguin — 1873; Retrato do Doador — lápis de Columbano; 1923; Retrato do Mãe do Doador, sangutnea de António Carneiro, 1924; Homem do Penacho, desenho de Rembrandt; carvão, de Lyster Franco; Mulher no Café, carvão por Lautrec.

Gravura: «Sentinela na Estrada» — água-forte, de Sousa Lopes; A Família Malborough, colorida; Um Mercado de escravos, por Courby; Estudo de Nu, por Renoir; Paisagem, de Pissarro; Composition du Bouton de Rose, em metal, por Denuel.

Ourivesaria: Taça de prata, de J. Jensen, premiada em Copenhagen; Colre chileno com motivos de caça; Espora de gaúcho; Estribo de amazona; Prato russo com figuras.

Cerâmica: Faiança, por Daniel Zuloaga; várias peças de Meissen; Jarra «única», de Lannoy; seis figuras de porcelana, de Capo-di-Monte; dois pratos «Rosenthal»; numerosas peças de Cantão e algumas de «China azul»; cinco pratos da Companhia das Índias.

Entre os livros, uma 3.ª edição dos Lusíadas, de 1609.

Das 53 medalhas, citam-se: uma do Centenário de Magalhães; uma de Wagner; uma do Jubileu da Rainha Victória da Inglaterra; uma do Centenário do Infante D. Henrique, em 1894; uma de Vasco da Gama, etc..

Na colecção de caixinhas, há uma com o retrato de Camões, com os dois olhos.

Na colecção de cinzeiros, composta por 183, dos mais variados materiais, formas e procedências, conta entre eles um histórico, com a effigie de Churchill e feito com pedra que pertenceu às Casas do Parlamento inglês, danificado pelos raids aéreos inimigos, em 1941. Autenticado.

Dos mapas antigos destaca: o de Portugal e Algarve, por João Baptista Ho-man, e outro da parte sul dos Reinos de Portugal e dos Algarves, por João Covens e Corneille Mortier.

A Colecção de Azulejos — Almirante Ramalho Ortigão — é bastante selecta. Dêla fazem parte os 17 luso-indianos de influência persa, provenientes do Convento de Santa Mónica, de Goa, que figuraram na exposição «Portugal e a Pérsia», de Lisboa, em 1972.

Esta colecção Ferreira de Almeida é uma verdadeira «viagem á roda do mundo», em que, por cima do valor objectivo das peças, paira constantemente o ideal do Doador e o seu amor á cidade que lhe foi berço.

Pinheiro e Rosa

«FOLHA DO DOMINGO»

N.º 3 263 — 20-1-1978